

## TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

**Entrevistadora:** Gabriela Gregolin Giannotti

**Entrevistada:** Elisabete Marin Ribas

**Data:** São Paulo, 09 de junho de 2022

**Duração:** 2 horas 44 minutos 51 segundos

**Realizada presencialmente em:** Instituto de Estudos Brasileiros - Espaço Brasiliana, Cidade Universitária, São Paulo - SP

---

### Início da entrevista.

**Gabriela:** Hoje é 9 de junho de 2022, são 14h30 da tarde, e nós estamos na Sala de Atendimento ao Pesquisador do IEB, o Instituto de Estudos Brasileiros. E, bom, antes de mais nada, antes de dar início, eu gostaria de te agradecer, Bete, novamente, por ter aceitado o convite de participar dessa entrevista, desse projeto especial que a gente está realizando. Bom a gente conversou um pouco no começo da semana e eu fiquei pensando nesses dias como começar, né, essa conversa, e... Eu queria começar conhecendo um pouco mais de você, você contando um pouco sobre você, sua história. Então, eu pensei numa pergunta, considerando também o que você mandou de material, né, que é: como você entende seu arquivo pessoal?

**Elisabete:** Uau! (risos)

**Gabriela:** Num sentido também de o que é que tem nele, o que existe lá que mostra um pouco quem você é, ou a sua história? Se tem coisas lá que tem essas evidências de você, como você disse no e-mail.

**Elisabete:** Olha, se você pedisse para mim, para falar sobre isso há acho que há quase dez, quinze anos atrás, eu responderia uma coisa, hoje eu já respondo completamente diferente daquilo que eu imaginava. Eu acho que há dez anos atrás eu pensaria na materialidade. Mas por eu trabalhar hoje, num arquivo, eu acredito que o meu grande arquivo realmente sou eu e minhas memórias. E também, eu acho que... Eu pelo menos não consigo separar os arquivos pessoas dos sentimentos. Acho que por isso que eu gostei de saber que eu poderia dar esse depoimento para você que é uma aluna, por que... Uma coisa é a gente dar uma entrevista, e às vezes pela profissão a gente tem que dar, para jornalistas e esse tipo de coisa, a gente sabe que né, faz parte do pacote. Mas eu gosto de trabalhar, de pensar que eu estou pensando meu arquivo junto de você, por você ser uma aluna, você ser uma aluna da USP – a universidade em que eu também estudei. Acho que eu devo muitas das coisas que eu tenho hoje e sou hoje à universidade. Trabalhar nela não é fácil, é uma relação às vezes muito próxima, então tem coisas, a gente percebe coisas que poderiam ser melhoradas, mas também tenho muito orgulho de estar aqui fazendo parte de tudo isso. Mas você é uma aluna. E o meu arquivo pessoal... Eu já tive uma materialidade muito grande, eu não nasci em São Paulo, eu nasci no

interior de São Paulo, eu nasci em uma cidade chamada Jundiaí, que apesar de ser próxima de São Paulo, eu acho ela bem diferente da cidade de São Paulo. Eu nasci em Jundiaí, mas o meu lar em São Paulo, desde a primeira vez que eu vim pra cá eu lembro do cheiro que eu senti e que eu falei “aqui é o meu lugar”. E por isso, em Jundiaí, por ser uma cidade do interior, por eu vir de uma família privilegiada que são pessoas que tinham casa própria, né, a gente sabe que no contexto brasileiro nem sempre é assim. Então, eu morava em uma casa, e eu sempre tive espaço para guardar. Pensando inclusive depois da nossa conversa essa semana, eu... Foi muito gostoso ficar pensando nesse trajeto, né, porque quando eu morava em Jundiaí eu tinha muita coisa guardada, mas muita coisa mesmo. E eu venho de uma família que, inclusive, guarda coisas. Não com certa prática, mas é uma família que acumula e eu me lembro que quando eu mudei em definitivo para São Paulo, que eu me casei e vim morar aqui com o meu marido, que continua sendo meu marido até hoje porque ele é um santo (risos), começar uma vida, principalmente com outra pessoa, exige que a gente abra mão de muita coisa, é por isso que a gente tem que realmente... Eu casei com uma pessoa que é extraordinária e, sobretudo, ele é meu melhor amigo. Porque, porque eu me lembro, que, separando os objetos que eu queria trazer, eu lembrei de tudo aquilo que eu tive que jogar fora quando eu me mudei, porque eu morava em uma casa grande e aqui eu vim morar em um apartamento super pequeno, eu estava fazendo o meu Mestrado, eu tinha que ter coisas a mão que era para o meu trabalho, que era para a minha carreira, que era para aquele momento de vida que eu estava fazendo, e olha, sem brincadeira, eu acho que uma das coisas mais difíceis da minha vida foi fazer essa mudança porque, enquanto eu era solteira, e morava aqui com a minha irmã, a gente tinha um lugar que a gente morava aqui em São Paulo, um apartamento, mas eu tinha minha casa em Jundiaí, então era tipo um depósito, né. Quando eu me caso, começa um processo de que, eu me mudo pra cá, eu já sou dona de mim, né, então eu tenho que começar a jogar fora algumas coisas, porque é a casa dos meus pais agora, não é mais o meu depósito, né, não é um lugar onde eu possa alugar um pedaço né. Aí eu fiquei pensando, um dos momentos acho que mais difíceis da minha vida foi desmontar a casa que os meus pais moravam. Porque olha só o que aconteceu: a gente, eu casei, vim pra cá; a minha irmã também, ela já veio morar em São Paulo antes que eu, aí depois eu vim – e eu vou contar depois porque eu não vim antes, tem a ver com essa relação com os alunos – e aí meus pais, minha mãe em especial, ela é uma pessoa muito querida e eu sou muito ligada à ela, eu já percebi isso – o objeto tem a ver com isso, inclusive – e os meus pais, eu não tive só o privilégio de ter uma casa própria e eles, na medida do possível, deram uma vida bem confortável para mim e para a minha irmã, mas eles também, eu nunca tive dúvida que eles me amam muito, né. Então, quando eu venho para São Paulo, eu entendo que por uma série de questões, inclusive pela criação da minha mãe, pelo contexto que a gente vivia, por a gente morar no interior, a minha mãe também ela abriu mão de muitas coisas para criar de mim e da minha irmã, então, a gente vindo para cá, ela não tinha muito o que fazer, né. Então a gente teve uma ideia bem mirabolante, na verdade foi o meu marido quem teve a ideia, ele falou assim: “Eu acho que os seus pais deviam vir morar aqui no nosso prédio” (risos), ele falou, “porque a gente tem um deslocamento, um gasto de tempo e emocional, porque a gente não tem carro, eles tão em Jundiaí, a gente demora um tempo pra ir pra lá... Eu acho que eles podiam vir morar aqui e tudo vai ficar facilitado!” e eu falei (risos), “Você tem noção do que você tá falando, você quer que sua sogra venha morar aqui?!” aí ele falou assim, “É, eu não

tenho problema nenhum com isso, sou muito adulto” aí eu falo, “Ainda bem, né”, super desconstruído, né? E aí a gente fez essa proposta pro meu e minha mãe, e minha irmã achou ótimo também, e aí realmente a gente mudou, eles mudaram pra cá, eles compraram um apartamento pequenininho também, como o meu, só que daí a gente teve que desmontar a casa! Não tinha mais casa!

**Gabriela:** Da família que guarda coisas, né!

**Elisabete:** Exatamente! Nossa, menina...

**Gabriela:** E o que é que são essas coisas? É de tudo, de objeto, de papel?

**Elisabete:** Era de papel. Era muita coisa de papel. Então, por exemplo, a minha mãe... A minha irmã desenhava muito bem, eu pintava muito bem, eu acho que é por isso que a gente conversou, né: você fez Artes Plásticas e eu, na graduação acabei fazendo Letras, mas eu queria fazer Artes Plásticas, porque minha mãe ela é uma artista, uma artista assim, acadêmica, ela pinta quadros e são quadros de flores, naturezas mortas, paisagens, essas coisas todas, mas... A gente sempre foi muito estimulada, assim... Arte pra gente era uma coisa natural, né, então a gente se expressava, a gente conversava; meu pai toca violão, ele faz um esforço imenso, mas ele toca, então não é assim, tipo, né, que nem, sei lá, meu pai não é o Chico Buarque, né, mas é... Eu acho que essa sensibilidade que a gente teve foi graças a eles, né, que eram operários e comerciantes, mas mesmo assim a arte não era uma coisa demonizada em casa, porque eu já vi muita, né. E aí, por exemplo, a minha mãe, a minha irmã desenhava muito. Minha mãe guardava todos os desenhos da minha irmã. A minha mãe até hoje ela tem um quadro que eu fiz para ela – eu era criança, tava assim brincando com guache, fiz um quadro abstrato e até hoje ela guarda. E isso foi uma das coisas que sobreviveu. Mas aí, começou, né. E nem tinha assim, no meu caso nem tinha tanto assim, é... Caderno de escola, essas coisas todas, mas o que aconteceu: eu termino o Ensino Fundamental, que chamava, né, que hoje em dia chama, é até o nono ano, né, e eu optei por fazer magistério. E aí foi a parte mais acumuladora da minha vida, porque quando a gente faz o magistério, principalmente... É curioso pensar nisso, tava pensando nisso também: eu sou uma pessoa que nasci no analógico. O digital veio na minha vida, eu tive computador quando eu tinha acho que uns 13, 14 anos, né, e mesmo assim era bem diferente do que é hoje, né. O computador ele fazia parte do cotidiano, na minha casa, o computador é hoje o centro do meu escritório, tudo está no meu computador, né! Naquela época era diferente. E, por eu estar no mundo analógico, e por eu ter uma visão um pouco pragmática da vida, e sou uma pessoa que não consegue viver pela metade, quando eu entro num negócio eu entro... E isso aí não é bom também, mas enfim, eu caio de cabeça. Quando eu fui fazer magistério, eu lembro que algumas professoras, porque em Jundiaí todo mundo se conhece, é tudo muito pequeno, todo mundo fala da sua vida – mas o que é bom também, porque daí, por exemplo, quando eu fui fazer magistério, e minha irmã ainda estava no colégio, as professoras da minha irmã me deram livros que eu poderia usar quando fosse ser professora. Então eu tinha livro de Matemática para criança, de Inglês pra criança, de desenho pra criança, de, como chamava, de Estudos Sociais para criança, até coisa que, né? Aí eu fui fazer magistério e tinha umas

professoras muito boas, muito boas mesmo. Eu tive muita sorte com os professores, claro que tem aqueles que, né, mas são pessoas marcantes nessa trajetória. E aí eu fui acumulando, tudo o que me davam, eu acumulava. Umass coisas assim, até você que é estudante de artes, bem assim, politicamente incorretas: tinha, por exemplo, antigamente, tipo uns livros de desenho que você não deixava a criança criar, você tinha um desenho e você preenchia. Eu preenchi um monte de desenho quando eu era criança. Hoje a gente sabe que isso não é *tão* bacana. Mas, eu tinha, então, esses livros, eu tinha xerox dessas coisas e para mim era comum acumular. Aí quando eu terminei o magistério... Ah, e aí aconteceu uma coisa também. Já mais ou menos... No fundo no fundo, eu sou uma pessoa tímida. Eu criei uma personagem para eu poder trabalhar, para eu poder conversar com as pessoas e para eu poder viver, porque em algum momento também, ali do meu convívio escolar, começou a me incomodar eu ser a pessoa... Porque daí também, assim, quando você é muito tímida e você não fala, você se torna uma pessoa boazinha. E é horrível ser bonzinho porque o bonzinho (inaudível). Se você tem que pedir alguma coisa, você pede para o bonzinho, mas se você também, sabe a sociedade não funciona como a gente gostaria, os bonzinhos só se ferram no final das contas. Então, eu lembro que eu já... Eu estudei o meu Ensino Fundamental, e isso é uma coisa que eu também percebi pensando essa semana, sabe, Gabriela? A escola fez muito parte da minha vida, ela é um foco central e, olhando para isso, eu fiquei feliz por mim... Acho que a escola tem que mudar uma série de coisas, mas, para mim, realmente, foi por meio da escola que eu conheci as pessoas que fizeram eu ser o que eu sou e, na minha família também, para o bem ou para o mal, os meus pais sempre incentivaram muito a gente estudar, eu e a minha irmã. Então, se o meu pai precisava sair a noite para procurar um livro pra gente comprar pra eu ir no outro dia na escola, ok; se eu fosse convidada para uma festa, não... Não, não. Durante a semana, não. Brica no final de semana, se diverte no final de semana, quando você é adolescente, você sai no final de semana. Durante a semana é o que? Durante a semana é o estudo. Mas nunca foi me dado um não para o estudo. Sempre eles fizeram umas coisas até meio doidas para que eu tivesse sempre o ferramental ali na escola, e eu tive escolas boas. E eu estudei a primeira parte da minha escola, desde a primeira série até a oitava série (que eu acho que hoje é o nono ano e a pré escola acho que seria o primeiro ano), eu estudei no SESI. E no SESI eu tive uma professora de artes, que chamava Marinilse. Eu lembro do perfume da professora. E ela era uma professora... Eu gostaria de ter a cabeça que eu tenho hoje para fazer o curso de arte que ela dava, sabe? Mas ela tinha uma concepção que era bem bacana de arte, que tinha um período do ano que a gente fazia teatro: fazer teatro fazia parte da arte. E eu lembro que eu era tão tímida, e eu falava com os meus colegas, mas eu lembro as primeiras vezes que eu fui fazer teatro. E eu me senti super bem. Porque eu não precisava ser eu, eu podia ser outra pessoa, né? E eu não sei se psicanaliticamente isso daí é bom, mas (risos) na minha experiência deu certo, por enquanto deu certo, acho que deu. E aí depois eu fui fazer magistério e por que eu decidi fazer magistério? Porque, como eu sou uma pessoa pragmática na vida, eu falava, né... Eu vim de uma família, assim, confortável, mas dinheiro sempre foi uma questão; acho que na verdade para todo mundo é, todo mundo fica pensando “o que fazer na vida”, né. Então, eu pensei assim, eu vou terminar a oitava série e eu vou fazer um curso técnico porque daí, se der alguma coisa muito errada na vida, eu já tenho, arrumo um emprego e pago o que eu preciso fazer – a faculdade. Estudar na USP – isso daí é muito irônico – nunca foi um objetivo, o objetivo era fazer faculdade. E aí eu fui fazer

magistério e como eu já fazia teatro e aconteceu também uma vez, teve um Censo escolar, um negócio, eu não sei o que aconteceu na escola, que as professoras tinham que preencher umas planilhas, coitadas, e então nós, que eramos os alunos mais velhos (mais ou menos que nem você está fazendo agora, com seus colegas da graduação), nós que eramos os alunos mais velhos, a gente foi convidado para vir ajudar as professoras a dar aula, enquanto elas tinham que preencher esse negócio que era tipo um Censo e uma porrada de coisa e – olha que loucura –, a gente veio pra dar aula. Então a professora passava as coisas pra gente, a gente anotava as coisas na lousa, ajudava a corrigir o caderno e eu lembro que eu adorei! E então falei, bom, vou fazer magistério. Por que? A sala de aula é tipo um palquinho, eu vou ser obrigada a fazer coisas que vão me desafiar para eu ser uma pessoa mais extrovertida, vou ter que aprender a falar, vou ter que a me impor, porque professor tem que aprender a se impor, e eu sempre fui uma pessoa que assim, se alguém pisava no meu pé, eu não reclamava, eu falava assim para a pessoa: “Oi, tudo bem? Com licença. O meu pé tá incomodando o seu, [em cima] do meu?”, isso mudou, mas eu era assim. Então eu era uma pessoa... Até hoje isso daí, né... Então, se eu posso, por exemplo, o meu programa ideal é ficar em casa, de pijama, assistindo filme, assistindo TV – eu sou viciada em TV, eu adoro TV –, comendo alguma coisinha. Gosto de sair? Eu gosto de sair, mas eu gosto de ficar em casa, gosto de ficar quieta. Então tudo o que eu faço é um exercício de convivência, porque eu também acho que é saudável, sabe, você também não pode ficar, né, tipo um eremita. Bom, mas enfim, então aí eu falei, vou fazer magistério, porque daí eu tenho que enfrentar essa questão que eu sou a perolinha dentro da ostra, que não é bom para ninguém, eu não vou chegar a lugar nenhum sendo assim, e aí quando eu fui fazer magistério, aí eu tinha mais teatro.

**Gabriela:** Sei. Mas isso era uma coisa que você tomou consciência depois, ou você já tinha essa consciência de que, isso, dar aula era como se fosse esse pequeno teatro e tudo o mais?

**Elisabete:** Eu tinha consciência, eu pensava na época.

**Gabriela:** Interessante!

**Elisabete:** E como eu sempre fui muito estimulada a estudar, era uma maneira também... Eu acho que, eu acho que também tem uma questão de assim, de uma auto aceitação dos meus pais, deles falarem “Olha que bacana, continua estudando”, né. Eu acho que tem isso também um pouco, não sei se é também uma mentalidade meio classe média, mas por exemplo, uma das pessoas mais bem-sucedidas da minha família era professora, mas ela também era uma pessoa independente, sabe? Uma tia minha. E eu lembro também, quando eu fui fazer magistério, ela me apoiou de uma maneira que eu acho que nem eu me apoiaria tanto, mas ela falou “Vai fazer! É muito legal mesmo, é importante” e aí eu uni o útil ao agradável. Só que daí nesse período eu acumulei, assim, não só papel e material... E eu sempre falava “Isso aqui eu vou usar!” ou “Isso aqui pode ser que eu use!”. E dando aula para criança você acumula, você acumula de tudo o que você pode imaginar, desde giz, guache, papel, sucata... Nem sei se chama assim ainda. Você vai guardando coisas...

**Gabriela:** É! Tudo pode ser sucata, né!

**Elisabete:** Exatamente! E isso é perigoso também, né! Tudo você vai pensando, tudo você vai reaproveitando. Eu acumulei. Eu até acumulei também... E aí, com aquilo que eu falei do teatro, eu também acumulei fantasias, sabe? Essa questão de você atuar, mas, no magistério a gente atuava muito, então tinha sempre a fantasia, a gente tinha que guardar, ou então alguém que ia costurar para a gente *pãrãrã, pãrãrã, pãrãrã*, então eu fui acumulando, cara. Eu tinha muita coisa, eu tinha muita coisa. E para piorar a situação, depois que eu comecei a trabalhar, eu era uma pessoa privilegiada e não pagava aluguel, né, aí que foi... Porque daí eu tinha meu dinheiro e eu comprava, e eu comprava o que eu queria pra estudar, pra faculdade, livro e daí livro, assim, é ao infinito e além.

**Gabriela:** Eu sou assim também...

**Elisabete:** Só que eu também tive um momento que eu falei: posso comprar um sapato, posso comprar uma blusa, então, meu guarda-roupa era gigante, minha sapateira era gigante, a minha biblioteca era gigante, o meu arquivo era gigante e fui guardando. Então quando a gente... Quando você chega em um momento da vida que você vai ver, inclusive, tudo aquilo que você acumulou... Primeiro, você não sabe o que você acumulou tanto e, segundo, você não tem espaço pra aquilo porque o espaço era o alugado dos seus pais. E aí, quando meus pais também se mudam, eu lembro até hoje, a gente teve que ir, e daí eles falaram assim: “Vamos tentar por a casa pra alugar, pra ver se a gente tem um dinheiro” e aí que a casa alugou assim... Em uma semana! Então a gente teve que ir lá no final de semana pra desmontar tudo. Chegou uma hora que eu sentei no chão e comecei a chorar...! Por que eu precisava... Era muita pressão você se desfazer daquilo, sabe? Ai... Mas eu sou uma pessoa assim.

**Gabriela:** Eu te entendo...!

**Elisabete:** Eu vou acumulando, eu vou acumulando, eu vou acumulando, eu vou acumulando, eu vou acumulando... E isso daí é ruim, porque eu fico o Incrível Hulk. Cara, e é assim com tudo, com paciência, com o físico, com tudo... Quando eu explodo...

**Gabriela:** Até que desagua.

**Elisabete:** É. E quando eu tô magoada, eu vou guardando, eu vou guardando, eu vou guardando e aquilo fica me incomodando... E daí eu lembro que eu falei assim: “Agora eu preciso chorar” e eu sentei no chão da sala vazia, aquela bagunça. Sabe mudança? Caixa de pizza aberta... Caos!

**Gabriela:** Sim, acabei de passar por isso!

**Elisabete:** Eu sentei e falei: “Preciso chorar!” (imita som de choro). Pronto. Passou. E continuei separando e aí... Mas aquilo ficou na minha cabeça. Eu lembro que... Meu marido

outro dia falou pra mim. Agora a gente também mudou de casa, antes a gente morava em um apartamento pequenininho e agora, meio burguesinho, fui pra um apartamento maior que é exatamente no lugar que eu queria, do tamanho que eu queria, com as coisas que eu queria e foi um exercício super bom. Mas o meu marido falou pra mim, né... Eu falei assim: “Puts, que loucura, né... Vou fazer uma dívida... Tava tudo tão tranquilo naquele apartamentinho pequenino”, e ele falou assim: “Mas você não tava feliz!”, ele falou assim: “Eu percebi no primeiro dia que você entrou e os seus livros não cabiam, eu percebi a sua cara, o quanto aquilo te incomodou. Então a gente viveu dez anos naquele apartamento e eu sabia que era provisório”. Agora, agora não, agora as coisas estão todas no lugar, eu tenho espaço pra fazer até um *feng shui*, nos livros, sabe? Que nem você falou, né! Tem um texto do Walter Benjamin, que eu gosto muito, que chama “Desempacotando a minha biblioteca”, você já leu?

**Gabriela:** Nunca li!

**Elisabete:** Eu vou te mandar! Eu fiquei sem graça de te mandar essa semana, mas é um pouco isso! Eu acho que o Walter Benjamin, um cara também chamado Alberto Manguel...

**Gabriela:** Nossa! O Alberto Manguel, eu li um texto dele semestre passado que mudou a minha vida! Numa “Serrote”, assim, sem querer, eu caí... E falei “Meu Deus... Esse cara é incrível!”. Esse cara pôs em palavras coisas que eu pensava e não conseguia, né.

**Elisabete:** (risos) E o Alberto Manguel tem um livro que eu adoro que chama “A biblioteca à noite”. Ele tem vários livros que eu acho super bacanas, inclusive pra você que é das Artes Visuais, você vai se deparar com ele, tem um que chama “Lendo imagens” que eu acho incrível.

**Gabriela:** Oba!

**Elisabete:** Ele trabalha com essa história da cultura, com a história da escrita, nem sei direito, sabe, mas ele é um cara bacana!

**Gabriela:** É, eu acho que ele é meio pluri...

**Elisabete:** É, ele é esse tipo de humanidades, sabe? E aí, sabe quando você fala assim... Por exemplo, agora eu estou escrevendo uma tese. Então eu coloco os livrinhos do jeito que eu tenho que ler pra tese, mas aí eu to escrevendo e eu lembro de alguma coisa, aí eu pego outro e coloco ali. É como se eles estivessem contando uma historinha pra mim. Mas também tem o espaço para eu mover eles, entendeu? Não tá tudo socado na prateleira... Mas o que acontece, resumo da ópera, hoje em dia, o meu arquivo... Eu tenho um arquivo, eu tenho umas caixinhas com os meus tesourinhos. O que que foi que eu guardei? (risos) Parece um pouco a história daquela japonesinha, acho que é japonesinha, que acho que ela chama Mari Kondo.

**Gabriela:** Ah, sim!

**Elisabete:** Ela fala assim, que você tem que pegar e você tem que ver se aquilo lá te traz felicidade ou não. Eu tive que separar também e, tipo, e muita coisa que eu vou... Como eu sou uma pessoa apegada nas coisas, eu olho e falo: “Cara, eu não deveria ter jogado esse texto fora”, esse texto do primeiro ano da graduação, em xerox, “Eu não deveria ter jogado fora”, mas joguei! E eu ainda me pego pensando nisso, mas eu tive que fazer um *feng shui* na vida também, né, então eu guarde... Eu guardei cartinhas dos meus alunos, desde quando eu dava... Então, eu dei aula pra crianças, todas as idades; dei aula de Educação de Jovens e Adultos, que foi uma coisa que eu amei fazer aquilo... Hoje em dia... Aí o que aconteceu, né... Eu mudei de história, eu mudei a minha história. Eu sinto falta da sala de aula. Mas eu sinto mais falta da sala de aula que eu tinha na minha cabeça. Que é um pouco diferente da realidade porque chegou um momento que eu fui pra escola e falei “Hm...”. Sabe quando... E isso é muito ruim, por isso que é ruim o jeito que eu sou. Eu sou uma pessoa que quando eu percebo que alguma coisa tá errada, aí não tem mais! Entendeu? Não tem remendo, eu não vou levando, sabe? Quando chega naquela tampa... Eu lembro quando eu olhei pras crianças e não eram as crianças, era o sistema escolar que não estava me atendendo mais como eu queria. Eu queria ter mais tempo para as crianças, eu queria ter mais paciência, eu queria ter mais recurso, eu queria... Cara, eu vou dizer uma coisa, está gravando, mas eu vou dizer: eu achava um absurdo eu ter que ensinar minhas crianças de quatro, cinco anos a escrever. Sabe? É opressor quando você tem ainda, sabe, o fazer, o brincar, o conviver... Eu não sei em que momento que a gente se perdeu dessa... Porque é uma educação maravilhosa, é um sistema educacional maravilhoso, são métodos maravilhosos, sabe... Hoje em dia quando uma pessoa fala mal do Paulo Freire pra mim, cara, eu fico doente. Eu acho que não existe lugar no mundo que tenha uma pessoa que pensou num método como Paulo Freire, sabe? Olha, eu fico até arrepiada de falar dele! Quando você vai... Quando você trabalha com crianças, você trabalha com o método do Paulo Freire, você trabalha com adultos com o método do Paulo Freire, cara, é tão significativo, sabe? Só que daí você vai para um sistema assim... Eu entendo, você tem que fazer as crianças escreverem. E cada criança, eu sempre brincava, né. A gente fazia umas dinâmicas – quando a gente é professor de educação infantil você faz mil dinâmicas, né – hoje, você... Já que estamos gravando: “Professoras da educação infantil, cuidado com as dinâmicas com EVA porque é um negócio super poluente!”. É porque eu acho assim, a pré-escola ela é tipo... Uma outra coisa que hoje em dia tá na moda é o que a gente chama de “humanidades digitais”, né, “Ah! Tudo é digital, você aperta, faz não sei o quê! A criança tem o tablet!”. Cara...! (sons indiscerníveis ao fundo) É como se tivesse... Outro dia eu estava conversando com uma professora aqui que eu gosto muito de trabalhar com ela, a professora Patrícia Rafain e ela falou pra mim, ela falou assim: “A gente tem que tomar cuidado às vezes, em algumas coisas que a gente faz na vida, porque tem coisas que parecem um mágico” e ela falou “E o que é que o mágico faz? Ele te encanta com a fumaça, ele não te encanta com a mágica! É a mentira que ele te encanta”. E eu acho que tem alguns sistemas... Essa história de que a criança tem que ir cada vez mais cedo alfabetizada porque não sei o quê, porque não sei o que lá, porque ela tem que entrar no vestibular, porque... Cara, é uma criança. Sabe? Então eu vivi, quando eu terminei, eu tava aqui já na Letras, eu já tinha optado, eu não queria fazer pedagogia, eu queria fazer Letras, eu me apaixonei pelo



método Paulo Freire; o meu sonho – olha que ideia de jerico – meu sonho é: quando eu entrei no magistério, eu falei “Ah, agora eu vou trabalhar com a Educação de Jovens e Adultos, em uma escola rural, vou morar no interior – bem bonitinho –, vou sair de casa... Vou morar em um casinha bonita, vou sair de casa à pé, chego pra fazer, sala multisseriada, aquela coisa super significativa...”, que nada. Não existe isso! Não sei de onde eu tirei isso daí da minha cabeça! Eu acho que por isso eu fui fazer Letras porque Pedagogia... Porque na Letras você estuda literatura, imaginação, né... Não. Fui trabalhar na escola, que eu acho que... Eu entendo, né. Eu prestei um concurso pra trabalhar na prefeitura, e eu trabalhei muitos anos no colégio particular, aonde eu fiz o magistério. Colégio de elite, assim, relativamente de elite... Super tradicional. E depois eu comecei, quando eu já estava aqui na Letras... Não adianta, né. A USP quando ela entra na sua vida ela fica. Você começa a pensar um pouco. Eu falei: “Cara, eu to aqui estudando na escola pública, tendo uma educação, aprendendo coisas que eu jamais imaginei na minha vida... Puxa, e agora eu to trabalhando pra uma escola particular?!”. Sabe? Aquela coisa começou a criar um conflito dentro de mim. E aí eu parei, falei “Tá na hora de parar”, e prestei o concurso pra ver como é que era, passei no concurso, assumi. Tinham dois agravantes: acho que o sistema em si, eu fui trabalhar com Educação Infantil e eu queria fazer coisas que, pelo sistema... Eu tinha que alfabetizar as crianças, então com cinco anos elas tinham que ser alfabetizadas. Eu lembro do meu processo de alfabetização: não foi rápido. Mas eu também... Eu lembro do quanto eu fui feliz brincando com cinco anos, sabe? Eu tenho essas memórias. Eu acho que as vezes a gente fica pensando, tipo, se a escola é bilíngue, se a escola não é bilíngue, se a criança vai aprender, como é que você vai fazer o cálculo, que não sei o quê... Sabe, como se você vai treinando um robzinho, e a criança é um ser humano, sabe! Então aí você tem um sistema, que assim, você tem coordenador pedagógico, você tem diretor pedagógico, você tem o psicólogo da escola, você tem os pais. Aí na escola particular, você tem problema com os pais porque eles acham que você é o empregado deles, que ele paga o seu salário. Mal sabe ele, né? O quanto você é desvalorizado em todos os sentidos – na escola particular e na escola pública! E na escola pública, qual que era o meu drama? Eu recebia pais que, coitados, por *n* questões, por a gente viver em uma sociedade desigual, eles também não ficavam com os filhos porque eles tinham que trabalhar pra sobreviver, e, os da escola particular, muitas vezes alguns deles – tinham pais ótimos também em todos os lugares, tá? – mas eles trabalhavam muito por umas coisas babacas, tipo mandar os filhos pra Disney. E daí não fica com a criança, entendeu? Então você tá... Então, moral da história, né, o que aconteceu? Eu falei, cara, encaminhei minha vida inteira: fiz magistério, era feliz, trabalhava em escola, acumulei tudo isso, fui pra Letras, pra trabalhar com alfabetização, e não tô feliz. Agora eu cheguei onde eu queria, eu tava aqui no final da graduação, tem um agravante: eu sou uma pessoa dorminhoca – coisa super aleatória – e eu, eu tinha que acordar quase 5h30 da manhã pra estar às 7 horas pra receber as crianças. Ai, olha... Eu deprimido quando eu acordo cedo. Eu sou uma pessoa da noite.

**Gabriela:** Aé? A gente precisa trocar então (risos). Eu acordo super bem e tô sofrendo trabalhando à noite.

**Elisabete:** Jura? Nossa, eu sou o tipo de pessoa que, quando eu saia de férias – eu era criança ainda –, eu trocava facilmente o dia pela noite. Eu adoro a noite.

**Gabriela:** Eu acordo meio mau humorada, pra falar a verdade, mas eu funciono durante o dia. Das cinco da tarde, assim, eu preciso entrar em um modo mais de boa, mas agora eu to tendo que inverter tudo. Eu tenho tido que aprender a acordar tarde também! Que é uma coisa que eu não conseguia. Mas meu irmão é ao contrário também...

**Elisabete:** Nossa... Mas eu admiro quem... Eu acho a gente que gosta de estudar de noite, que gosta de fazer as coisas de noite, é meio aberração. (risos) Porque como seres humanos...

**Gabriela:** (risos) Meio vampiresco! Essas imagens da noite, né!

**Elisabete:** É meio vampiresco! Eu adoro. Adoro. Bom, então, eu acordava cedo e eu cheguei a ter 36 alunos na aula, crianças. Foi difícil. Eu só ficava rezando pra ninguém cair, ninguém se machucar, porque você tá sozinha, com 36 crianças e eles ainda, no meu caso, eles se mordem, sabe? Porque eles tão na fase oral, tadinhos (risos). Hoje em dia... Bom, então, o que aconteceu: eu estava na Letras, já assim, falando, cara... Eu não sei se você sente isso... Quantos anos você tem, Gabi?

**Gabriela:** Vinte e quatro.

**Elisabete:** Eu não sei, às vezes eu sinto isso nos meus alunos. Eu sou uma pessoa que eu nasci com... Tem uma parte de mim que tem um espírito velho. Eu também sou meio fora do padrão, você também, a gente é alta pra um padrão. Você percebeu isso?

**Gabriela:** Sim! Eu gostei de te ver porque ontem eu fiquei pensando “Será que ela é alta ou baixa?” e acho que a gente é da mesma altura, né!

**Elisabete:** Eu acho que sim! Na verdade a gente é bem parecida! O meu cabelo é bem parecido que nem o seu

**Gabriela:** A gente é clarinha! Tem um monte de coisa que eu to achando a gente parecida!

**Elisabete:** A sua mão é bem parecida com a minha!

**Gabriela:** Né! Porque é dedo comprido! (Risos)

**Elisabete:** Só que! A gente... Eu também não sei de onde vêm esses padrões, mas assim... Eu apesar de então, ter começado a ter minhas próprias roupas, e gostar, e saber, entender também que a roupa é uma expressão do meu temperamento, do que eu sou, do que eu quero ser e tudo o mais... Por exemplo, eu não uso umas calças que tão na moda agora que é uma calça no meio da perna, você já viu?

**Gabriela:** Sei!

**Elisabete:** Cara, eu odeio isso! Porque, quando a gente é alta, a gente não acha calça do nosso tamanho! (Risos)

**Gabriela:** Não acha!! Se tem uma pessoa que te entende, sou eu! (Risos).

**Elisabete:** Na verdade eu nem sei pra que raio de gente que as pessoas fazem roupa! Porque quem é pequeno reclama que é pequeno, quem é grande reclama que é grande... Eu acho que hoje a roupa tá um pouco mais democrática.

**Gabriela:** É, acho que sim, em comparação do que já foi.

**Elisabete:** Eu acho que já foi bem pior, mas não sei também como era minha avó...

**Gabriela:** Ah, elas faziam sob medida, né...

**Elisabete:** É, eu não sei até que ponto essas coisas eram impostas, né.

**(Interrupção: entra alguém na sala)**

**Elisabete:** Mas estávamos falando tudo isso por quê? Porque eu sou uma pessoa da noite e você é uma pessoa do dia. Então, bom, enfim. Estudar... Trabalhar muito cedo pra mim era uma questão e a sensação que eu tinha, em resumo da ópera, a sensação que eu tinha, e foi o que eu senti na época e até hoje eu tenho essa definição e que era assim: às vezes, trabalhar com a educação formal no Brasil é como se alguém gritasse fogo numa multidão, e todo mundo começasse a vir pra um lado e você tá indo pro outro, sabe? Ai foi quando eu percebi que eu já não tava muito mais feliz sendo professora, eu fui muito feliz. Tanto é que, né, mesmo das crianças, eu guardei as cartinhas que eu recebia deles, cartinhas que eu recebia dos pais às vezes porque eles gostavam de mim... E eu também fui uma professora muito jovem, né.

**Gabriela:** Por quanto tempo você deu aula, mais ou menos?

**Elisabete:** Eu comecei a dar aula com 16 anos e eu sai, assim, de uma maneira mais... Eu parei de dar aula com 26, 27 anos. Foram 10 anos. E daí eu mudei pra São Paulo e daí imagina, né! Pedi a conta, ó! Tinha um concurso, pedi a conta, é... Quando eu fui sair do colégio, eles foram muito legais comigo, quando eu fui sair do colégio particular que eu trabalhava, eles não me despediram, eles me deram uma licença, pra eu pensar (risos) porque eu acho que, como eu sou essa pessoa que mergulha profundamente nas coisas, eu acho que eles não imaginavam que eu ia mudar completamente, né? E aí eles foram muito legais comigo, mas isso aí eu também acho que era um problema pra mim esse colégio, porque como eu tinha sido aluna, depois eu virei a professora de professor infantil... Existe um esteriótipo de que você é muito boazinha, que você é muito menininha, que você não sei o

que. Tanto é que hoje em dia... No colégio as pessoas me chamavam de Betinha, e hoje em dia tem pouquíssimas pessoas que eu deixo me chamarem de Betinha – a Sumaya é uma delas! A Sumaya me chama de Betinha e eu não me incomodo. Mas o que me incomodava em eu ser a professora Betinha é que era assim, teve um problema no colégio, isso daí também me irritou profundamente, teve um problema no colégio, e eu vou contar o que aconteceu. Inclusive para ficar gravado (risos nervosos). Isso daí é uma coisa que me machucou uma época e hoje eu tento fazer o jogo do contente – acho que eu tento, né. Que foi o seguinte, eu trabalhava no colégio e, por eu me dedicar profundamente, principalmente às coisas da minha carreira, da minha vida, às pessoas que estão em volta de mim... Eu não consigo fazer as coisas pela metade, né. Eu fui convidada, então... Eu tinha um cargo que chamava “assistente de professor”, mas rapidamente eu fui assumindo pequenos cargos na escola, e, mas continuei com aquele “cargão” que era assistente de classe, mas eu fui assumindo coisas e uma das coisas que eu assumi, que me deu profundo prazer, e eu lembro que a coordenadora da área de Inglês me convidou porque eu fazia Letras, na verdade, eu comecei a dar aula de Inglês para as crianças. E o meu inglês, inclusive, hoje, ele é quase nulo. Quando eu comecei a estudar Inglês eu gostava bastante, eu fiz durante muitos anos Inglês, mas dar aula... Você não precisa saber inglês pra dar aula de Inglês, sabe? E hoje eu vejo que eu, realmente, eu era uma professora muito dedicada para com os alunos. Nesse aspecto da memória... Porque quando você trabalha com uma língua diferente, com uma criança, você tem que fazer como se aquilo fosse uma brincadeira e você tem que fazer com que ela lembre, e não é uma escola bilingue onde você expõe a criança à língua, né! Então, o que aconteceu, toda aula, eu inventava um presentinho diferente para eu dar pras crianças.

**Gabriela:** Uau!

**Elisabete:** Então, por exemplo, eu nunca esqueço o dia em que a gente trabalhou com as cores. Então, o que eu usei – hoje eu olho pra trás e falo assim “Foi genial, parabéns, Elisabete! Você não sabia o que você tava fazendo, mas você fez direito” – eu trabalhei com a música do *Yellow Submarine*. Aí a gente fez um submarino. Aí a gente fez um de desenhinho – errado né, pintado dentro, pintado com o *yellow* lá, mas enfim! Mas eu construí um submarininho, e eles entravam, e eu fiz um chapeuzinho de marinheiro, de jornal, com um simbolozinho amarelinho. Então, por exemplo, eles vinham pra aula, e depois eles voltavam da aula, e todos eles tinham um chapeuzinho, entendeu? E eu lembro que uma mãe falou pra mim, ela falou assim “Nossa, o Gustavo, ele guarda todos os presentes que você dá pra ele e ele lembra das palavras!” (risos) e ficou... E você vê, to falando isso também não pra falar “Que genial!”, eu também acho que não era... Que eu não fazia mais do que minha obrigação, de ser uma professora dedicada pras crianças, e também a minha mãe, coitada, me ajudava, ela ficava recortando, fazendo origami. Mas... Eu vejo que já tinha uma coisa da memória aí, eu queria qu eles tivessem um sentimento bom na aula e eles levassem um pedaço dessa coisa para eles continuarem lembrando, era a maneira que eu conseguia construir um vocabulário, porque daí com eles era só trabalhar vocabulário e...

**Gabriela:** E essa memória atrelada a um objeto criado, e que teve um cuidado... Não era uma ficha, né!

**Elisabete:** É, não! Era sempre alguma coisa realmente manual. Então, eu tinha sorte, né, minha mãe sempre me ajudou, a minha irmã, a minha irmã tem uma mão pra fazer origami, menina! Nossa! Sabe aqueles *tsuru*? Ela faz umas coisas assim que são incríveis, são incríveis... Mas enfim, né, e eu fui conquistando, eu acho que um pouco rápido demais, alguns postos na escola – não que mudasse meu registro, tá, mas – eu fui conquistando uns postos na escola, e eu nunca me esqueço: (risos) era dia de *Thanksgiving*, que é o dia de Ação de Graças, então eles tavam lá de pioneiros, eu fazia os chapeuzinhos dos pioneiros, né – não sei se hoje eu faria, mas enfim – na época eu até fazia um esforço maior porque eu lembro que... Mal sabia a gente o que ia acontecer, né, mas na época, eu lembro que tinha ganho o Bush e ele... A gente não sabia que ele era uma pessoa blé, né? Mas teve a questão da guerra, do 11 de setembro, então eu lembro que tinham alguns alunos que chegavam pra mim e falavam “Ah, eu não quero aprender inglês”... E eu devia ter falado pra eles “Parabéns!” (risos), mas eu não falei pra eles “Parabéns”, eu falei que eu achava que era uma oportunidade de eles, inclusive, entenderem melhor as outras coisas, porque falando outra língua a gente pensa diferente. E é verdade, mas (inaudível) eu era uma criança dando aula pra outras crianças. Então eu me esforçava bastante pra fazer com que a aula de inglês também não ficasse só com aquela questão dos Estados Unidos, né, mas tinha um *soft power* ali na minha sala de aula né. Então estávamos nós, na aula de *Thanksgiving*, eles estavam lá com seus chapeuzinhos de pioneiros, que a gente fazia, e falando, né, as coisas. Eu tinha mais ou menos uma fantasia meio de peru, sabe? Tava eu de peru lá. E no dia do *Yellow Submarine* eu tava bem John Lennon (risos) foi bem legal! Aí eu lembro que a coordenadora pedagógica do colégio bateu na minha porta e ela falou assim... Ah aí, então, por eu fazer com que as crianças gostassem, e os pais aí gostam, e aí na escola particular o pai gosta e todo mundo gosta, né... Eu fui chamada pra dar aula de inglês instrumental pra outras séries e aí alguém... E na verdade, aqui na Letras, a minha habilitação... Na Letras, a habilitação é português e mais uma língua e aí eu fazia português e espanhol, eu não fazia inglês. Eu fazia inglês por conta só pra manter o vocabulário, né, mas pra criança, cara, e assim, inglês instrumental também você não precisa ser um gênio de inglês, né, você só precisa entender... Preparar a aula antes. E aí alguém denunciou pra coordenadora pedagógica que eu era uma professora de inglês que não fazia inglês.

**Gabriela:** Ah, como habilitação?

**Elisabete:** É, como habilitação. E aí... Eu lembro que aquilo deu uma estremeçada na escola, sabe? E, por eu já estar dando aula pra outros níveis dentro da escola, né, isso se tornou um problema porque alguém falou que o MEC ia... Se alguém fizesse alguma denúncia, a escola ia tomar uma multa, que não sei o quê, que não sei o que lá. Não sei, eu duvido um pouco, mas né. Teve uma escalada tão grande e... E eu acho também que, na época, eu já tava meio cansada. E eu acho que na época eu cansei, me irritou, assim, um pouco, a maneira como a coisa foi conduzida, no seguinte sentido: as pessoas ficaram desesperadas, sabe? Cara, por causa de uma fofoca. Por que, você entende? Alguém foi fazer uma fofoca... E aí eu lembro, inclusive, que isso aí desencadeou na escola que todos os professores tiveram que apresentar os seus diplomas. Aí, cara... Aí eu falei, acho que eu quero... E verdade seja dita, tanto... As

pessoas que trabalhavam diretamente comigo, os meus chefes assim diretos, eles me defenderam muito, sabe? Mas a situação em si.

**Gabriela:** O furor...

**Elisabete:** É! É, assim, no final das contas eu tinha vinte e seis anos, eu era uma menina. Só que na minha cabeça, com vinte e seis anos eu já era velha pra mudar de carreira. Não sei se você entende isso.

**Gabriela:** Eu entendo.

**Elisabete:** Quando a gente tá no final da graduação, é uma situação... Eu tenho muito respeito desse momento e tento ter um carinho especial pelos alunos da graduação aqui da USP que trabalham comigo. Porque eu acho que é um momento tenso. Porque você não é criança, você não é adulto, você não é independente financeiramente, você não é. Você não é nada na verdade! Porque você não terminou, você não começou...!

**Gabriela:** Exato. E você basicamente só passou a vida dentro de alguma escola, né!

**Elisabete:** Exatamente. Aí... Só que alguma coisa alí já tava quebrada dentro de mim, daí eu falei “Tá bom, pra não ter problemas então vamos diminuir, vamos diminuir a minha carga horária” e aí foi quando eu voltei pra faculdade. Aí eu trabalhava de segunda, terça e quarta e quinta de manhã em Jundiaí. E de quinta a tarde e de sexta-feira eu fiquei com o dia livre.

**Gabriela:** E nessa época você morava lá ou já morava aqui?

**Elisabete:** Eu morava lá. Mas foi quando eu comecei a vir mais cedo pra faculdade, porque eu nunca tinha vindo mais cedo, comecei a curtir a faculdade. E foi quando eu comecei a trabalhar com arquivos, né. Aí foi meio que um caminho sem volta. Porque daí tudo foi... Porque daí eu comecei com esse dilema, né, “Ah, mas eu trabalho na escola... Estudo na escola pública, tenho que voltar pra escola pública”, aí depois dessa história aí de que alguém me denunciou eu já fiquei meio de saco cheio, sabe? Do lugar, assim, em geral! Mas também não quis saber quem era pra não ter perigo de (risos)... Né, na minha fúria, né! Eu com essa mãozona! (risos) E aí eu prestei o concurso na escola pública, fui pra escola pública, e aí era muito cedo, e aí também a estrutura era bem difícil. Eu tive uma diretora que foi ótima, que teve conversas ótimas comigo. Eu acho que ela começou a perceber que eu tava em um dilema e ela começou a dar uns toques pra mim falando “Bete, será que é isso mesmo que você quer?”, “Bete, você é jovem!”. E eu falei, “Cara eu não sou jovem. Eu já fiz magistério, agora eu to fazendo faculdade... Eu sou professora, eu tenho que ser professora”. E hoje, assim como a memória pra mim não é mais a materialidade, que eu tive que me fazer das coisas e guardar algumas coisas. Hoje eu já me... Teve um momento que eu não me perdoava porque eu achava que eu tinha abandonado a educação. Mas hoje, inclusive, nesses espaços de memória onde a gente tá, onde eu trabalho, onde eu escolhi estar nesse momento – tomara que eu não perca a paciência, tomara que eu fique durante muito tempo, mas – eu já me sinto

como uma nova educadora, sabe? É um novo tipo de professor. Então essa relação que eu tenho com os bolsistas, que se você quiser depois a gente vai descer pra você conhecer eles; com os alunos da USP. A relação que eu tenho também com os professores da USP, de muito respeito, mas às vezes também de alguns embates, porque tem professor na USP que... Tem aqueles que acham que são deus, e tem aqueles que tem certeza que são deus, e tem aqueles que vale a pena você conviver, né, porque são aqueles realmente sempre abertos a aprender, com qualquer que seja a pessoa. Eu sempre brinco também, quando eu fui prestar vestibular, por eu ser do interior, eu queria ter passado na UNICAMP, né? E não passei! (risos) e todo mundo falava que, no cursinho quando eu fazia, porque como eu fiz magistério, eu ganhei uma bolsa pra fazer o cursinho à noite, então eu fazia o magistério de manhã e o cursinho à noite, no final do ano. Nos últimos seis meses do ano, na reta final. Cara. Olha, era animado, porque a única coisa que eu desisti de fazer foi a aula de trigonometria... Gente aquilo ali... Eu fiz faculdade, estudei latim e grego e foi mais fácil que trigonometria. Trigonometria eu não assistia a aula, eu ia embora mais cedo pra casa, porque eu falei “Não, não é em seis meses que eu vou aprender isso aqui!”.

**Gabriela:** Eu igual! Física pra mim foi essa matéria... Não tem como! Vamos assumir que... É isso, melhor ir pra casa.

**Elisabete:** É, vida que segue! “Vou dormir, me recuperar”... E aí eu prestei o vestibular na UNICAMP e...

**Gabriela:** Letras também?

**Elisabete:** Letras também. E não passei na primeira fase. E aqui na USP quando eu passei eu falei assim “Ähhh!”, né? E aí menina, e aí foi a primeira... E aí é um caminho sem volta, né? Porque daí eu lembro que era Natal, Ano Novo, e eu lá, né. Aí eu tive que estudar, estudar uma história que eu nem tinha estudado, porque eu tive magistério! Tive que estudar uma história que eu não tinha estudado, uma geografia que eu não tinha estudado, um português que eu não tinha estudado. Mas no final das contas deu tudo certo. Bom, mas enfim, to falando muito né...

**Gabriela:** Mas a gente tá indo, né, acho que é isso!

**Elisabete:** E hoje então, voltando... Como eu sou pragmática eu tenho essa mania de planejar e a vida não é planejada. E uma coisa que eu tento hoje fazer é ser menos velha pras pessoas que trabalham comigo, pros meninos e tudo o mais. Que é o seguinte né. Quando às vezes eles falam pra mim “Aí, eu to com 22 anos e não fiz Mestrado...”, sabe, ou “não entrei no Mestrado” e eu falo, “Cara... Você não tem ideia do quando você é novo, do quanto...”, eu tento dirimir a ansiedade que eu tinha. Porque quando eu saí, cara, deu um bug, assim, na minha cabeça, sabe?

**Gabriela:** Sim, imagino... Porque era todo um plano também, né

**Elisabete:** Que foi por água a baixo, assim (onomatopeia). Mas hoje eu sou muito feliz trabalhando com essas questões, eu gosto dessa questão da memória, essa questão da guarda. E eu acho que por isso que o projeto que você participa é tão bonito, porque é uma nova guarda, né? Mas eu também gosto, né... Fui fazer Mestrado, conheci a Sumaya. Eu acho que tem... As artes, né, as artes elas são... Eu acho que assim, as disciplinas elas são importantes, mas a Arte ela é uma disciplina necessária. É como respirar. Porque ela tem essa dimensão do afeto. Porque a História Oral também... Eu trabalho bastante com guarda de coisas, então quando alguém fala pra mim “Vou fazer um projeto de História Oral”, eu já falo “Ai cacilda...”, puta trampo pra guardar aquelas gravações, transcrever a gravação, né. E eu acho que o projeto que você participa, ele é um projeto que ele tem uma dimensão do afeto, sabe? Que é muito bacana. Eu gosto bastante de pensar... E por eu ser assim, uma pessoa que não consegue ser pela metade, pra mim a dimensão do afeto na memória, no meu cotidiano, nas relações interpessoais que eu tenho... Também não é pela metade. Não é pela metade. Eu não consigo fazer pela metade, então vira meio visceral. Acho que eu to aprendendo a controlar um pouco mais as coisas, mas eu também agora... O ano passado eu fiz quarenta anos, e a gente vai... Eu tinha um espírito velho, eu tinha um espírito de quarenta anos, mas aí você tem um espírito velho e você faz quarenta anos, você fala “Agora ninguém me segura!”.

**Gabriela:** Encaixou!

**Elisabete:** É! Encaixou! Então eu já... Eu mandei... Revendo os textos, eu falei assim, ah, deixa eu ver os textos que eu escrevi que eu realmente gostei, né. E eu acho que já faz um tempo que eu to mais solta e eu tenho... Eu tenho... Porque assim, a questão do arquivo pessoal, eu acho que ela tem muitas dimensões emocionais, e eu acho que é isso que me cativa.

**Gabriela:** Vamos conversar mais disso, talvez? Porque você chegou nesse ponto de crise e acabou com esse caminho todo que você tinha planejado, e aí você começou esse novo caminho pelo convite de uma professora pra fazer uma iniciação científica, foi isso?

**Elisabete:** Isso, a professora Sandra Margarida Nitrini. Eu já fazia iniciação científica com ela, uma iniciação científica teórica, eu acho que eu tenho que dizer o nome de uma outra pessoa, porque quando eu fazia magistério, tinha uma professora que realmente... Eu posso dizer, essa mulher mudou a minha vida. Ela era, em primeiro lugar – sabe aquela pessoa agradável? Aquela pessoa que dá aula sorrindo, tá feliz. Ela chamava Maria Ângela Borges Salvadore. Hoje, ironicamente, ela é professora aqui na Faculdade de Educação. Mas ela era minha professora de História da Educação e Sociologia da Educação. Ela era uma pessoa incrível e eu queria saber porque ela era tão incrível. E eu uma vez, conversando com outros professores... Um professor nosso falou assim “A Maria Ângela ela é a única mestre de verdade aqui do colégio”, e eu falei “Aé? Por quê?” ele falou assim “Porque ela fez Mestrado”. E eu falei “Hm...”. Aí, então, eu entrei na faculdade querendo fazer Mestrado porque eu queria ser que nem ela. E aí eu falei, bom pra fazer Mestrado tem que fazer iniciação científica. E fui fazer iniciação científica. E a professora Sandra tinha a maior paciência comigo porque eu era uma pessoa que, eu trabalhava, então era uma professora da



Educação Infantil, Ensino Fundamental durante o dia, e aí pegava uma van e vinha pra USP à noite, fazer Letras. Mas uma vez, assim, a cada um mês, dois meses, a gente tinha um grupo de leitura – eu nem lia direito os textos, sabe? Mas eu enfiei na minha cabeça que eu tinha que fazer aquele caminho pra fazer mestrado. E aí ela... Eu lembro que no final do primeiro ano da Letras, porque na Letras a gente um curso básico, um ciclo básico, que chama. Então a gente faz a Introdução... Nem sei como tá hoje! Mas a gente fazia um negócio que era tipo uma introdução à Linguística, a Língua Portuguesa, tem uma parte de História da Língua Portuguesa – é incrível o curso. Tinha uma parte de Estudos Clássicos, que a gente estuda Grego, Latim e essa galera aí. E tinha a Introdução à Teoria Literária, Estudos Literários, né. E a professora Sandra dava aula de Estudos Literários, e uma coisa que me chamou a atenção quando eu cheguei na faculdade, apesar de eu ter pensado em momento em fazer, inclusive, artes, e quando eu fui prestar o vestibular eu falei, “Cara, sem portfólio eu não vou passar, então o que eu vou fazer? Ah, não, gosto de dar aula, gosto do método Paulo Freire, vou trabalhar com alfabetização, vou fazer Pedagogia? Não, vou fazer Letras”. Porque... Inclusive por conta dessa professora, que ela tinha feito História na UNICAMP, eu falava assim, “Cara, você só consegue ensinar de uma maneira leve aquilo que você sabe muito profundamente, né? Então eu vou fazer letras porque como eu vou trabalhar com alfabetização”....

**Gabriela:** Essa é a matéria da coisa.

**Elisabete:** Essa é a chave. E aí eu comecei a... Aí no primeiro ano, no final desse primeiro ano, eu fiz o primeiro e o segundo semestre com a professora Sandra, que depois veio a ser a minha orientadora de Mestrado, e ela era especialista em um escritor chamado Osman Lins, eu... Quando eu cheguei na Letras em nenhum momento eu fiquei frustrada, sabe? Falei “Ah, eu não tô gostando...”, na verdade eu já não contava muito que eu conseguiria passar na USP, passei, e falei, já to no lucro! Acho que se alguém falasse que na Letras tem trigonometria eu até teria estudado. Mas quando eu cheguei na Letras, realmente, eu me apaixonei pelo curso porque ele era completamente diferente... Eu pensei que eu ia ter aula de gramática, tipo no Ensino Médio, e não! Inclusive a gente tem um negócio – eu tava conversando com um colega meu na semana passada – que a gente, logo no primeiro ano, em Língua Portuguesa a gente tem um estudo sobre o preconceito linguístico. E como eu sou do interior eu falo “poRta”, “veRde”. Cara, quando eu vim pra cá, eu falei “Nossa, eu não vou falar nunca nada na aula” e a primeira aula de Língua Portuguesa é um pouco sobre essa desconstrução, né, sobre língua e poder, né... É muito legal! Então você pensa... Mas enfim, aí no final do primeiro ano a professora Sandra falou “Ah, eu queria montar um grupo de estudos sobre a obra do Osman Lins. Quem quer?” e eu falei, “Nossa”. Ó loca né, quando a gente é jovem eu falei assim, “Ninguém nunca mais vai me convidar pra fazer nada nessa faculdade, deixa eu me candidatar” (risos). Aí eu expliquei pra ela que eu trabalhava, ela falou que não tinha problema, ela falou que tinha uma bolsa de iniciação científica e essa bolsa começou com outros colegas meus que estavam no grupo, que não sei o quê, e que por consequência, uma parte do arquivo do Osman Lins tava no IEB e ela foi convidada, por ser especialista no Osman Lins, a ajudar a organizar esse acervo. Então ela já tinha uma orientanda de Mestrado, a Marisa Baltasar, que, inclusive, fez um curso de especialização em arquivologia pra

organizar o arquivo do Osman Lins – olha que super refinado, né, o negócio. Foi ela que, no final das contas... Aí eu fiz a iniciação científica e a gente – olha que loco! – a gente publicou um livrinho super fofinho – eu deveria ter trazido o livrinho, mas esqueci – mas tem o livrinho que chama... Porque o Osman Lins tem um livro que chama “Marinheiro de primeira viagem” e aí a professora Sandra, por ser uma pessoa muito... Generosa – acho que essa é a palavra – pegou nós ali pra fazer uma iniciação científica com ela, e ela falou “você vão escrever um texto, nós vamos publicar um texto, vai ser um livrinho” e aí o livrinho chamava “Marinheiros de primeira leitura”. E aí a gente publicou o texto, eu analisei um conto que chamava “O vitral” de um livro que, inclusive, não é a marca registrada do Osman Lins. Mas eu também quis estudar o Osman Lins porque – tudo errado né... assim, as ideias são loucas na cabeça, né, (inaudível) quando a gente é jovem – a ideia era a seguinte: eu já sabia quem era o Machado de Assis, sabe? E acho que minha escritora favorita, principalmente por eu ser professora de Educação Infantil, é a Cecília Meirelles. Eu acho essa mulher demais. Porque se você é adulto você lê aquele negócio e você chora; e quando você é criança você lê e você sorri. Acho que essa é o termômetro da boa literatura infantil, sabe?

**Gabriela:** É mesmo...

**Elisabete:** Mas eu já conhecia, né. Poderia ter feito? Poderia ter feito. Mas eu falei, bom, já que eu tô aqui, vou estudar uma pessoa que eu nunca ouvi falar, né? Então eu comecei a estudar o Osman Lins e nossa... Fiquei muito feliz porque foi... Na verdade, na verdade eu sempre brinco, né, outro dia eu falei: tudo o que eu tenho foi o Osman Lins que me deu. Tudo o que eu tenho foi a educação que me deu, né. O caminho que meus pais também me ensinaram a pensar. E mesmo que o caminho tenha se desviado – e não que exista o caminho certo e errado, né... Não existe. Acho que isso que é o bonito da vida, né. Você reaprender a viver. Só que eu acho que quando você tem educação, ou você faz o que gosta e você é dedicado àquilo que você faz, você tem um ferramental, né, emocional e intelectual porque os dois têm que andar juntos. Tiveram alguns momentos que eu dei uma derrapada. Acho que uma coisa que aconteceu na minha vida, mais adulta, que realmente mudou o rumo, inclusive mudou esse jeito de eu ser de se alguém pisar no meu pé eu peço “Ai, desculpa, meu pé tá doendo”, agora eu tiro o pé, né! No mínimo. Eu também, em alguns momentos, por eu me envolver emocionalmente demais com as coisas que eu faço, eu tive uma depressão assim... Dasquelas que você deita, tá deitado na cama e você não faz *assim* com o dedo, né, você não levanta. Então... Mas eu também, né, como pessoa privilegiada que eu sou, eu tive tratamento médico, eu tive apoio psicológico, eu tive pessoas do meu lado – das quais eu destaco o meu marido, porque eu vi muita amiga minha o marido sumir, e o meu marido ficou ali comigo, né. E tá comigo até hoje, então realmente se mostrou um companheiro e não só um título, né, social. Mas ao mesmo tempo, aquilo também mudou um pouco a chave da vida, sabe? Não que eu não leve tanto a vida a sério hoje, claro, eu levo e tipo... Essa semana, pensando esse projeto PUB que eu tinha que escrever e eu tenho essa mania de me sentir responsável pelas coisas, né, teve um dia que eu acordei 3h da noite e falei assim “meu deus, porque é que eu acordei 3h da noite?” porque eu tava pensando no projeto PUB (risos).

**Gabriela:** A gente tava acordada no mesmo horário provavelmente! (risos)

**Elisabete:** (risos) Ai que bom, Gabi! Obrigada, deixa meu coração quentinho essa informação.

**Gabriela:** Eu te juro que eu acordei à noite e fui tomar uma água e falei “nossa, não costumo acordar”... aí eu falei “hm... Acho que tem alguém preocupada!” (risos).

**Elisabete:** Mas então, eu acho que a gente já começa... Você tem esse ferramental também pra ouvir as emoções, sentir as emoções, respeitar as emoções, né, e também o que eu pensei, né: se semana que vem, que acabou o projeto PUB, eu ainda estiver acordando a noite, aí é um problema, mas essa semana tá bom. Então vamos pensar que é só um fato de responsabilidade e a minhoca tá aqui na cabeça e daqui a pouco a gente tira a minhoca da cabeça. Mas enfim. Então, falando dos sentimentos. Como eu me envolvo emocionalmente com as coisas, eu não faço nada pela metade. Com o Osman Lins foi assim, eu me envolvi com ele no Mestrado... Aí o que aconteceu – mas tá vendo? São histórias que se cruzam. Eu tinha minha carreira como professorinha, né, bonitinha alí, inclusive bem sucedida, né, na escola tradicional, parã parã, na cidade que todo mundo te conhece. Aí depois entro na faculdade, então elas vão andando, assim. Isso daí é uma coisa que eu sempre pensava, porque eu gostava muito das coisas que eu fazia, eu gostava muito de estar aqui na USP e eu achava que às vezes era uma briga de titãs. Tipo, durante o dia eu era uma coisa, de noite eu era outra até que a parte da noite venceu, né. Porque daí na hora que alguém me denuncia, que eu não tenho que trabalhar todos os dias, e que, inclusive – verdade seja dita –, eu fui uma pessoa que, por eu não pagar aluguel, eu fui uma pessoa privilegiada, então guardei dinheiro. Então, quando eu fui mandada embora da escola, eu tinha meu pai, eu tinha minha mãe, eu tinha lugar pra morar, eu tinha cama pra dormir, eu tinha um dinheirinho guardado desses anos então não foi um momento desesperador, né? Então quando eu saio da escola eu me reorganizo e me reorganizando eu começo a entrar nessa... Eu me redescubro como uma aluna da USP, que pode estar aqui durante o dia e que pode fazer outras atividades além de ir pra aula. Eu sou uma pessoa que gosta de assistir aula! Tem gente que não gosta de assistir aula. Eu curto assistir aula.

**Gabriela:** Eu adoro.

**Elisabete:** Eu adoro. Sou muito mais – isso daí é irônico, né – falei pra você que eu gosto de ficar quietinha, mas a sala de aula é um lugar saudável pra mim. Se eu tenho uma pilha de coisas pra ler e eu tô lendo sozinha, isso me deprime um pouco, eu tenho que ter um equilíbrio, sabe? Mas a sala de aula ela me alimenta, principalmente eu como aluna. E aí, então, essa professora, eu lembro, que a gente terminou de escrever o livro, né, o livrinho, e aí ela falou que uma... Um dos meus colegas que tinha a bolsa de iniciação científica ele ia deixar a bolsa, e se eu conhecia alguém que... Ou então, eu não lembro, acho que ela falou pra esses meus colegas que faziam iniciação científica e eles faziam com bolsa, e eu fazia sem bolsa, falou pra eles se eles conheciam alguém, e eles sabiam que eu tava nesse momento assim, meio, caso com uma bicicleta, e falaram: tem a Bete. E aí... Eu lembro até hoje a primeira vez que eu entrei no IEB. E foi muito engraçado isso porque eu tive um

pouquinho... Mas foi mais forte do que a sensação de quando eu fui ajudar as professoras fazendo o censo escolar e eu entrei na sala e a professora falou “agora o giz é seu, você dá aula”. Sabe aquela sensação, assim, tipo, *Simpsons*: “uóóóó”, né. Uma sensação de pertencimento. Quando eu entrei pela primeira vez no IEB pra fazer o trabalho, eu lembro do cheiro do arquivo, porque o arquivo tem um cheiro específico. Eu lembro do cheiro do arquivo e falei... Eu acho que eu gostaria de fazer isso todos os dias da minha vida. E... E o trabalho que eu fazia, inclusive, eu acho que é por isso eu respeito a História Oral... No arquivo do Osman Lins, que eu acho, na verdade, eu até preciso resgatar direito essa história, mas tudo bem... Então, aqui dentro do arquivo do IEB tem o arquivo de vários intelectuais – só contextualizando pra você.

**Gabriela:** Sim, ótimo.

**Elisabete:** Um deles é do Osman Lins. O Osman Lins ele se casou duas vezes e ele tem três filhas. As três filhas dele são incríveis – a Letícia, a Letânia e a Ângela. Eu tenho mais contato até hoje com a Ângela. Eu tenho um contato tão grande com elas, e eu gosto tanto delas que agora que eu troquei de casa, uma das primeiras pessoas que eu liguei foi pra ela, e eu falei, “olha, eu consegui trocar de casa por que eu conheci seu pai. Seu pai que, na verdade, ele que acabou me tirando da sala de aula como professora e me deu a possibilidade de mudar de carreira”, né, que hoje eu reflito, elas tão bem juntinhas, né! Mas naquela época era bem assim, “ai, é uma coisa”, “aqui na caixinha... Na caixinha de não sei o que só cabe isso, na caixinha de não sei o que...”.

**Gabriela:** Ah, e na sua fala aparece muito essa vontade de fazer as duas presentes em um ser ou algum lugar, né?

**Elisabete:** É, eu tento bastante. E aí, o que que aconteceu? E aí, eu tô trabalhando com o arquivo do Osman Lins e, curiosamente, a minha orientadora – e a gente imagina que quando a gente vai trabalhar no arquivo a gente vai trabalhar com papel – ela trouxe um estojinho, e eu preciso recuperar essa história porque assim: tem o arquivo do Osman Lins, que tem essas três filhas, essas três filhas são do primeiro casamento dele, só que ele se separa da mãe das meninas e ele se casa novamente com uma escritora que tem uma formação em publicidade, chamada Julieta de Godoy Ladeira. O arquivo do Osman Lins tá no IEB porque a Julieta doo, mas ele não está integralmente aqui porque – eu deduzo, tá? É só especulação – ela era publicitária, ela sabia da importância da divulgação do meio, mensagem e tudo isso. Então o Osman Lins ele nasceu em Vitória de Santo Antão, Recife... É, não... Vitória de Santo Antão e muda pra Recife, que é a capital, e depois ele opta por vir morar em São Paulo porque ele queria viver... A justificativa que ele faz é porque ele queria viver esse ambiente cultural que tem em São Paulo... E não em detrimento, que assim, não que em outros lugares do país não tenha cultura, pelo contrário, eu acho que ele inclusive, de uma maneira muito sutil ele vai valorizando essa cultura brasileira. Mas é que aqui você é bombardeado, né? Onde você vai tem uma livraria, tem um teatro, tem um cinema, tem alguma coisa, né. E ele, pra se manter também, ele presta concurso... A formação dele, ele faz um curso de contabilidade, e, mas

ele quer ser um escritor, e ele tem um fato na vida dele que marca profundamente ele que é: quando ele nasce, a mãe dele morre.

**Gabriela:** Ah, uau.

**Elisabete:** E isso impacto ele de uma maneira profunda, que é, como se ele achasse que pra ele viver, a mãe dele teve que morrer, então ele tinha que dar um sentido, ele tinha que fazer a vida dele ser significativa. E como é que ele ia fazer isso? Ele ia escrever uma obra literária.

**Gabriela:** Uau. Impressionante, né.

**Elisabete:** Que profundo, né? E aí... Inclusive, dentre os textos que eu mandei pra você, tem um que se chama “Quebra cabeça literário” que é um texto em que tem inclusive um áudio que tem um depoimento dele sobre essa relação dele com a mãe dele, que eu acho muito poético...

**Gabriela:** Eu não cheguei a ouvir.

**Elisabete:** É muito bonito. Mas agora quando você ouvir, você vai inclusive entender o contexto. Só que o que acontece. A Julieta... O Osman Lins morre, ele tem um câncer de pele, menina. Morre. A Julieta sobrevive a ele e o que ela faz? Ela xerocopia o arquivo dele e ela entrega grande parte dos xérox aqui pro IEB e os originais ela entrega pra Fundação Casa de Rui Barbosa porque lá é o Museu da Literatura Brasileira, que tem o arquivo do Drummond e tudo o mais. E aí ela... Ela faz isso que, eu entendo perfeitamente o que ela fez. Tecnicamente tem uma série de questões aí envolvidas, né, principalmente porque aqui a gente tem uma cópia do arquivo, mas... E aí, quando ela morre, ela tem algumas coisas dele com ela, e, se eu não me engano, ela guardou um conjunto de fitas e olha só: *plot twist* da minha vida. Essas fitas ele gravou porque, o Osman Lins, depois que ele se aposenta do Banco do Brasil, ele fala “eu vou viver da literatura” e tá tendo um movimento que a gente chama de “expansão universitária”. O que é a UNESP hoje, está sendo criada, e aí o Osman Lins e outras pessoas que são reconhecidas por seu notório saber, elas são convidadas a serem professores universitários porque não tem doutor o suficiente no país pra expandir a universidade. Então ele é convidado pra assumir uma cadeira de Literatura Brasileira na Faculdade de Letras de Marília. Quando ele aceita isso, ele aceita – e ele também é uma pessoa que não vive pela metade – ele acha que a formação em Letras ela é manca se você não tiver um curso de História da Arte, se você não tiver uma relação com a Arte. E aí, então, ele ganha um gravador, e ele grava aulas de História da Arte, com trilha sonora, e ele vai passando uns slides, e é um curso bem tradicional, bem padrãozinho, é um curso que eu acho que inclusive foi editado pelo Louvre, eu já esqueci onde ele foi editado. Bom. Mas moral da história, o Osman Lins eu acho que ele é uma pessoa importante na minha vida porque, veja só... Bom, aí o que acontece, só terminando a história. A minha orientadora, ela terminou uma primeira etapa desse projeto que ela tava coordenando, a organização do fundo tava super avançada, a gente tinha publicado o nosso livrinho ali com os aluninhos de iniciação científica e ela fala, “bom, acho que agora a gente precisa começar as pesquisas”, aí ela falou

assim, “Bete, essas fitas, eu vou digitalizar”, né, porque não era que nem hoje, “eu vou digitalizar e eu quero que você transcreva pra mim e você”, aí ela falou assim “Vamos ver! Isso daqui vai ser o seu mestrado, você vai ver” e aquilo ficou na minha cabeça porque aí falou a palavra: mestrado! (risos) Aí então o que foi que eu fiz, eu transcrevi as fitas, e, sem brincadeira, Gabriela, eu demorei acho que uns quatro anos porque eu transcrevi as fitas e ele ficava falando “máscara mortuária” não sei o que, não sei o que lá, “fulano de tal” não sei o que, não sei o que lá, “beltrano” não sei o que, não sei o que, não sei o que lá, numa época, que, vamos ver, vocês que vão ler esta entrevista, não tinha Google! Né? A gente tinha um negócio na internet bem vagabundo que chamava “Alta Vista”, depois surgiu um negócio chamado “Cadê?”, não tinha Google, né, e não tinha Google Imagens... Aí o que aconteceu, a gente percebeu que esses slides que ele usava na aula, não tava no arquivo dele. E eu comecei um trabalho em busca desse material, um trabalho hercúleo que não deu em nada.

**Gabriela:** Ah, não foi encontrado?!

**Elisabete:** Então, eu encontrei depois, mas na verdade não fui eu que encontrei, foi uma pessoa que encontrou pra mim. E... Mas demorou, sem brincadeira, acho que demorou quatro anos pra eu encontrar o material. E aí virou o meu mestrado. Mas olha que ironia do destino. Bom, o Osman Lins era um escritor, ele fez eu mudar de profissão e ele me deu de presente um curso de História da Arte, que era uma coisa que eu amava, e eu que, inicialmente, em algum momento alí da minha tórrida infância e juventude queria fazer Artes Plásticas porque gostava de Arte, gostava da História da Arte, gostava, né. Então eu falei, olha que coisa. É... Como foi que eu achei esse material? Eu comecei a procurar, de uma maneira meio tosca, mas comecei. Não sabia muito bem o que eu estava fazendo (inaudível). Pra eu ganhar dinheiro, né, enquanto eu trabalhava no colégio, que era meu principal emprego, vamos dizer entre aspas, né, o colégio particular de Jundiáí, eu fui sendo convidada pra fazer outras coisas. Uma das coisas que eu fui convidada a fazer foi corrigir redações. Então, a gente que é de letras, a gente ganha, na época eu ganhava um real por redação corrigida. E aí, nesse... No cursinho onde eu corrigia redação... A minha irmã foi fazer esse cursinho depois e... Corrigindo redação a gente fazia tipo uns plantões, assim, pros alunos. E eu conheci um aluno, que ele é meu amigo até hoje, o Fábio Robal, o Fábio ele era um artista, ele é um artista fenomenal, mas que por uma série de questões, inclusive porque às vezes na vida, né, a gente quer se dedicar a uma coisa que não é aquelas, aqueles núcleos que as pessoas tem na cabeça, duro, tipo engenharia, administração, direito, né. Então, enfim, ele não conseguia passar na faculdade de Arte, talvez porque na nossa geração teve que enfrentar essa questão do portfólio e tudo mais... E viver de arte. Então, numa das orientações que eu tava falando com ele, né, sobre a redação, ele falou pra mim que ele gostava muito de, principalmente de uma arte que a gente chamava na época de – hoje em dia eu não sei como chama – a gente chamava de *street art*, que é o grafitti, essas coisas mais *underground*, assim. Ele gostava muito de HQ, *fanzine*, ele escrevia com aquela letrinha tipo história em quadrinho mesmo, sabe? Mas enfim, por ene questões ele não conseguia passar no vestibular pra fazer Arte e aí eu sugeri pra ele “por que você não presta Biblioteconomia?” porque é um campo, é um curso de certo valor... De nota de corte baixa. Eu falei, eu fui fazer Letras porque a nota de corte era baixa e... Não ia me matar fazer Letras – no meu pensamento

operacional, eu pensei, ah, posso ser secretária, posso fazer não sei o que, né, depois vou fazer as coisas. Então eu falei pra ele, “por que você não vai fazer Biblioteconomia, já que você gosta tanto de HQ, de repente você poderia trabalhar num acervo de HQ e, a partir daí, ter um emprego estável e você vai pensando, né, na sua carreira como artista”. E aí ele fez isso. E ele passou. E aonde ele passou? Na UNESP em Marília, onde tem o curso de biblioteconomia. Ele foi estagiar onde? Na biblioteca do então professor Osman Lins. Conversando com ele, aí ele voltou pra mim e falou, “olha, passei”, não sei o que, “to em Marília”, não sei o que, e falei, “nossa, o Osman Lins foi chamado...”, aí eu falei, “posso te pedir um favor?” e falei, “olha, eu já entrei nas bases de dado, já procurei, eu procuro um material assim, assim, assado, são uns livros que devem ter uns slides junto” e aí ele falou assim, “pode deixar”. Tipo vinte dias depois...

**Gabriela:** Que inacreditável.

**Elisabete:** É muito legal essa história, né?!

**Gabriela:** Muito legal!

**Elisabete:** Ele me ligou e falou, “Bete, eu achei o seu material” tava tipo num arquivo morto, assim, da biblioteca, eu fui buscar esse material, eu trouxe, eles me emprestaram, eu digitalizei ele inteiro. Eu nunca tive a oportunidade de terminar de ler o material inteiro porque ele tá em francês, o Osman Lins ganhou uma bolsa e estudou francês, né. Então o material tá inteiro em francês. Teve alguns outros livros que eu até achei aqui na biblioteca da FAU. Mas... Veja só, né, que coisa! E aí, porque que o *plot twist* é tão louco. Veja só. Hoje eu voltei a estudar. Com, talvez, mais maturidade, eu aprendi que eu não precisava fazer o mestrado por fazer o mestrado, eu precisava fazer o mestrado por conhecimento. Por sorte, eu tive uma orientadora, eu tive o Fábio que era um ex-aluno do cursinho, né, que achou o material pra mim, eu tive as bibliotecárias da UNESP que deixaram eu sair com o material, porque o material não tava nem tombado, trouxe o material, reconstituí o material, fiz o meu mestrado; nesse meio tempo, eu prestei o concurso do IEB, passei no IEB, fui trabalhar no lugar onde eu queria, aonde eu gostava, pra fazer aquilo que eu queria, e... A minha carreira aqui dentro, né, foi uma carreira que eu fico muito feliz, assim, do quanto eu tive a oportunidade de aprender fazendo o que eu faço. Mas também chegou um momento que, por eu me dedicar demais, porque eu tive uma estafa que me levou a uma depressão. E... Hoje eu falei, bom, então o que eu preciso fazer agora? Preciso voltar a estudar, preciso fazer um doutorado. Eu prestei duas vezes a prova no departamento de História, aqui. Foi uma oportunidade incrível porque eu pude ler sobre História – você sabe aquela história *hard*, aquela “historiona” mesmo –, não passei. E aí, quando eu não passei a segunda vez, e tinha tudo pra passar, eu falei, “eu acho que é um sinal”. Por uma ironia do destino, eu tive que fazer um tratamento médico; eu era coordenadora do arquivo, fui durante oito anos. Hoje inclusive, olha que coisa, a Dina que apareceu aqui, ela foi chefe da biblioteca da FAU, com certeza quando eu fui buscar os livros lá também que era do meu mestrado, ela que devia ser... É uma história que eu nem sabia que tava sendo construída ali em volta, mas enfim. Ela é minha chefe aqui, querida. Mas eu também, enfim, tem mil histórias pra contar, mas é...

Teve um momento também, acho principalmente por eu ser funcionária pública – isso daí já tava em mim na Letras né – porque quando a gente estuda numa escola pública e você se torna funcionário público, você trabalha para quem? Você trabalha para o público. Por uma série de fatores, que eu acho que hoje não vai caber na entrevista, eu assumi uma coordenação do acervo, eu tive que mudar alguns protocolos que a gente tinha, que eram protocolos bem enraizados, assim, eu fui a pessoa que teve que mudar o jeito de trabalhar aqui, e aí eu fiquei doente e precisei fazer um tratamento médico, descobri um pólipo no útero, e achei que foi um sinal. E eu ia precisar tirar esse pólipo pra fazer uma autópsia. Autópsia não, biópsia! (risos)

**Gabriela:** Autópsia, aí, já era! (risos)

**Elisabete:** É! Aí eu falei, bom, ou eu vou morrer ou eu vou sobreviver. Mas eu acho que é bom quando a vida mostra pra você, primeiro, que você não é autossuficiente; segundo, que você, quando você é funcionário público, você tem que registrar as coisas que você faz porque, se você morrer – você tá sentindo na pele isso agora, é uma história bonita pra você – se eu morresse, tinha muita coisa que tava na minha cabeça, entendeu, as pessoas não iam mais achar. E isso não podia acontecer! Na verdade, eu não podia ter deixado isso chegar nesse ponto. Eu acho que teve alguns momentos que eu... Eu trabalho no arquivo do IEB e eu amo o arquivo do IEB, mas eu não posso *ser* o arquivo do IEB, entendeu? E, quando eu assumi a direção do arquivo também, foi uma situação bem delicada e eu me lembro que eu fazia um mantra na minha cabeça, por ene questões, mas uma delas era que eu *estava* coordenadora, eu não *era* coordenadora, sabe? Eu acho que é bem saudável quando a gente pensa assim, né. E aí eu fui fazer esse tratamento, deu tudo certo, né, não deu nada. Aí eu falei, bom, e agora? Eu acho que agora tá da hora de eu fazer meu doutorado. O que que eu vou fazer? Já que eu tirei aquela carga, assim, de ser a responsável, de acender a luz, não sei o que e não sei o que lá, por que como eu sou meio metódica, eu sou centralizadora também, isso daí tem que ser dito. Então eu falei, bom, vai ter um coordenador, eu vou conversar com ele e eu vou prometer que eu vou estudar e me atualizar pra trazer isso de volta, né, porque nós estamos em uma outra etapa agora, principalmente do IEB porque a gente também teve uma mudança. Esse prédio aqui é muito novo. Eu fui uma das pessoas responsáveis por organizar a saída do acervo do outro prédio pra esse, foram 20 toneladas de documentos. E aí, eu prestei... Eu comecei a estudar programas de pós-graduação em que área? Na área dos arquivos. Arquivologia tá dentro de onde? Das ciências da informação. Onde é que tinha o programa de pós-graduação que tinha pessoas que orientavam um pouco nessa linha que eu queria? Em Marília. Então hoje eu sou uma doutoranda, eu trabalho... A minha tese é sobre arquivos pessoas de casais. Por que? Porque eu organizava arquivos pessoas e li muito e acho que me tornei um pouquinho especialista nos arquivos pessoais. Mas os arquivos pessoas eles são organizados individualmente, nessa questão da pessoa, do panteão da pessoa, que também é problemático, você concorda? Porque você também... É um pouco aquilo que a gente conversou, né? Uma coisa que me preocupa hoje numa, que eu espero que seja, uma maturidade intelectual da minha carreira, é pensar que os arquivos pessoas no Instituto de Estudos Brasileiros, eles representam *quem*? E isso fez com que eu, inclusive... Eu tenho muito orgulho de ser funcionária da USP, eu tenho muito orgulho de ter estudado na USP,



mas achei que era um momento saudável pra mim deixar um pouco a USP na casinha dela. Então eu prestei o doutorado pra trabalhar com arquivos de intelectuais, de casais, a partir da experiência do IEB. O Osman Lins e a Julieta, que eram do mestrado tão aqui, me deram o material do mestrado e agora eles tão no corpus do meu doutorado e o programa é em Marília, aonde eu achei o material, né. Então é tipo a jornada do herói, né?

**Gabriela:** Super! É meio impressionante como as coisas acontecem, né? No caminhar...

**Elisabete:** É muito lega, né? E como a rede de relações... Acho que isso daí... Acho que independente... Acho que por isso que *Star Wars* traz uma mensagem tão potente, porque pra gente fugir um pouco, principalmente nós que somos cientistas, né, pra gente fugir um pouco dessa ideia de religião, que existe uma pessoa sentada num troninho, não interessa se ela é azul, se ela é verde, se ela é branca, se ela é preta, se ela é gordinha ou se ela é magrinha, como é que ela é? Se o olho dela é puxadinho, se ele tem barba branca, não... Eu acho que existe uma energia no universo, e uma coisa que eu acho, pensando inclusive um pouco naquela história que eu falei, que talvez eu tenha feito o jogo do contente. Olhando pra trás, eu era feliz no colégio onde eu trabalhava, tinha uma vidinha confortável, tava ali bem acomodada, as pessoas aparentemente gostavam de mim, mas alguém se incomodou ali, com o papel que eu tava tomando, e a partir do momento que a pessoa puxou o meu tapete, né, a partir de uma fofoca, né... Hoje eu só tô aqui porque talvez isso tenha acontecido, porque talvez se dependesse de mim naquele momento com a minha maturidade, eu não teria tido a coragem, sabe? De largar um emprego, estável, num colégio tradicional, então assim como eu tenho orgulho de trabalhar na USP, eu sempre tive muito orgulho de trabalhar nos lugares onde eu trabalho. Hoje, pra ser bem sincera com você, eu não trabalho mais só na USP, inclusive eu fui convidada por esse arcabouço teórico que eu acabei assumindo e porque o meu trabalho é muito específico, mas ao mesmo tempo, e aí tá o bonito, né: todas as pessoas têm arquivos. Por todas as pessoas terem arquivos, ou serem seus próprios arquivos, e eu gerenciar essas coisas, mas eu também ter um pouco essa dimensão do afeto – não que na minha área, nas ciências da informação, mais especificamente na arquivologia... Eu também tento manter o equilíbrio, sabe, Gabi? Tem uma teoria por trás, a gente tem que seguir a teoria, mas é... Uma das coisas que eu enfrento a situação é, em geral, quando a gente vai tirar o arquivo da casa de uma pessoa, qualquer que seja, ou a pessoa tá doando uma coisa dela, que eu já tive a experiência de desmontar a minha casa, e eu sei que doi; ou então uma experiência que felizmente eu não tive ainda que é, você perde um ente querido e você sabe que aquela pessoa tem um arcabouço ali, uma memória materializada, seja no computador, seja num bando de papel, e ela doa pra universidade ou pra outros lugares que eu dou consultoria. Eu nunca... Isso daí é uma coisa que eu tive muita sorte de perceber muito cedo. As instituições, às vezes, principalmente a parte técnica, que ela é super importante, tá? Mas ela não consegue analisar essa dimensão de que é um protocolo burocrático? É um protocolo burocrático. Mas não é simplesmente você pegar e, como instituição qualquer que você seja, de dar um formulário pra uma pessoa que acabou de perder o pai, ou a mãe, ou a esposa, ou o esposo, ou filho, e o cara, ou a cara, né, era uma pessoa importante, e você tá doando pra instituição de guarda, não é só preencher o papel, sabe? Não é só um contrato. Tem muita emoção envolvida. Não que tipo, quando você vai no dentista, você tem emoção envolvida!

Mas eu acho que... Eu tento respeitar essas emoções e ouvir muito essas emoções. Isso daí desde o começo. No caso, por exemplo, das meninas, que eu tenho o prazer de continuar trabalhando com o Osman Lins, ter carinho por ele, tipo, ele como... Ele é uma figura na minha vida como se fossem meus avós, né... Eu me preocupo com elas, eu não consigo não me envolver com elas – eu guardo o arquivo do pai delas, entendeu? Eu não consigo não dar satisfação, eu não consigo não ter um relacionamento, eu não consigo... Hoje, por que que eu não consigo falar não pra você. Por que você tem esses elementos, que talvez em outros momentos eu tenha falado “não”, “não vou dar depoimento”, eu tinha uma máxima que eu falava “eu guardo a história, eu não sou a história”. Hoje em dia eu já to um pouco mais ciente de que eu faço parte da história, não adianta também eu ficar falando “ah, que bonito, né” a história está ali e eu sou só a pessoa que abre a porta... Eu sou só a pessoa que abre a porta! Mas já que eu vou abrir a porta, que pelo menos tenha um sorriso, que tenha uma empatia... Outra coisa que eu também falava e eu mudei é em relação ao pesquisador. Então, por exemplo, em relação a você. Eu acho que a USP é um lugar maravilhoso, eu acho que a USP modifica vidas, eu acho que ela é uma estrutura que tem poucas instituições no mundo que tem o potencial que essa universidade tem, mas eu gostaria, inclusive lembrando as ações que eu aprendi na, no parquinho da Educação Infantil, no tanque de areia ali, quando você tá com as crianças, que um dos pontos mais altos da USP são as pessoas que trabalham aqui e os alunos têm papel muito especial. Às vezes, pela burocracia que a gente tem dentro das instituições, eu acho que os professores ficam sobrecarregados com a burocracia e esse papel de fazer a orientação é difícil. Não to dizendo que eu consigo fazer isso como funcionária, mas quando vem os alunos da USP aqui, eu tento fazer esse exercício de lembrar que pra mim pode ser mais um aluno, mas é a primeira vez que esse aluno tá vindo aqui e pode ser que, assim como aconteceu comigo, ele encontre um documento que mude o trajeto da vida dele. E no caso dos pesquisadores, eu tinha um pouco de mania de falar assim, “Ah, olha, aqui estão os verdadeiros heróis da nação, eles estão guardados aqui, eles são os verdadeiros heróis, eles são as pessoas importantes, o legado deles vai estar armazenado aqui pra sempre”. E hoje eu percebo que não. Não quero diminuir o papel das pessoas que estão aqui, mas eu acho que na atual conjuntura, inclusive social e política, o pesquisador e agora, após uma pandemia, né, o cientista, né, porque todo pesquisador é um cientista, né. Então nós, cientistas, independentemente de qual seja a sua área, seja biológica, de exatas, seja de humanas... Cara, às vezes eles são os verdadeiros heróis da nação, eles abriram mão de muitas coisas pra estarem aqui pra estar aqui sentados, num horário restrito, sabe? Buscando, inclusive, rever e valorizar uma história que tá na caixa. E essa sensação não é fácil, não é fácil. O tempo todo essa semana, (inaudível) e eu pedi perdão público pra uma professora porque a professora teve um dia que ela veio aqui e eu tava super atarantada e ela falou “ah, nós vamos abrir tudo!” e eu falei “nós não vamos abrir porcaria nenhuma!” (risos) e aí quando ela foi embora eu falei “não posso fazer isso...”, não importa o quanto eu to cansada, sabe, a culpa não é dela. Então esses sentimentos, essas relações que eu faço com os documentos no meu trabalho técnico elas não podem sobrepor os relacionamentos porque, inclusive, na minha carreira, os documentos eles são importantes? São. Os objetos são importantes? São. A educação é importante? É. Mas a educação foi feita por professores que me inspiraram, eu tive amigos que, por exemplo, o Fábio, que era – eu nem era professora dele eu era a plantonista e ele achou o negócio que eu procurava, né. Não que a a gente

também tenha que ficar neurótico, “agora eu tenho que atender todo mundo porque todas as pessoas podem mudar o caminho”, não, cara, todos os dias são escolhas, né? Mas se essas escolhas puderem ser mais solidárias, puderem ser mais empáticas – é que tem umas palavras também que tão desgastadas, né, hoje em dia gratidão, empatia, uh, eu odeio quando as pessoas desgastam o negócio né! É tão bonito o negócio. Acho que essa questão, sabe, de você se colocar no lugar do outro, sabe? Eu recebo pesquisadores do mundo inteiro, do Brasil inteiro, sabe? Semana retrasada, coitado, um professor da Bahia vem aqui no dia que é o mais frio dos últimos sessenta anos – tinha que estar o professor da Bahia aqui, coitado, né? Na hora que ele chegava a gente até encostava um pouquinho a janela, falava “professor, tá com frio?”, “tá tudo bem?”, “quer um cafezinho?”. Como é que a gente faz isso e também... Eu acho que tem um ditado italiano que é viver é que nem andar em bicicleta, desculpa to tentando traduzir literalmente, viver é como andar de bicicleta, para manter o equilíbrio você precisa se movimentar. Parece frase de *coach* de quinta categoria, e ela pode ser super deturpada, dependendo da pessoa e do lugar que você tá, mas eu acho que nesse contexto, que a gente tá agora, eu penso um pouco nisso, nesses movimentos, movimentos controlados e esses, essas redes de relação e afeto. Com isso eu acho que eu respondi todas as perguntas que você me fez.

**Gabriela:** Não... (risos) to brincando. Você criou muitas perguntas!

**Elisabete:** (risos) Ah, que bom!

**Gabriela:** Eu fiquei...

**Elisabete:** Mas você acha que essas coisas que eu to te falando fazem sentido?

**Gabriela:** Fazem todo sentido! Mas por isso, a cada coisa que você falava foi ramificando, assim.

**Elisabete:** Eu gosto bastante de pensar na questão do caleidoscópio, sabe?

**Gabriela:** Também... É, eu fiquei pensando dessa questão do afeto, né, que você tava falando agora, ou desse cuidado nas relações humanas que me faz pensar nesse jeito que você se refere ao Osman como uma pessoa presente na sua vida e... Se eu não soubesse, se eu entrasse na conversa no meio que ele poderia estar sentado aqui... No sentido que ele se faz presente mesmo na sua vida!

**Elisabete:** Ah! Sim!

**Gabriela:** Até o ponto que eu conseguiria imaginar ele corporificado conversando com você, mas essa relação acontece através dos materiais e, é claro, das filhas e tudo o mais.

**Elisabete:** Das fitas, da voz dele.

**Gabriela:** É. E... Uma pergunta que eu me pergunto e que queria compartilhar com você, que é uma dúvida que não precisa ser respondida literalmente né, mas... Porque eu sinto muito também essa presença das pessoas, ou das criações a partir desses materiais diversos, né, deixados por elas e... E aí eu tenho essa questão que é o quanto um objeto, ou material, documento, é capaz de expressar sobre o seu criador ou sobre o seu dono na ausência dele, né? Porque me parece evidente que existe essa expressão... Mas pra mim é quase mágico isso também, né, porque é isso.

**Elisabete:** Sim, é, isso aí é muito louco.

**Gabriela:** Claro que não é às vezes... Isso, né, se eu pegasse esse objeto que você escolheu, eu, sem te conhecer, ou do nada, em um arquivo, eu nunca falaria “Ah, isso é a Elisabete”

**Elisabete:** (risos)

**Gabriela:** Mas *isso* com os bilhetinhos dos seus alunos, com esse conjunto de coisas que viram seu arquivo pessoal eles de fato são capazes de reconstituir... Por exemplo, isso eu vejo a sua delicadeza, né, nesse objeto, né, ou não sei...

**Elisabete:** Ah, obrigada!

**Gabriela:** Sabe! Porque começa entendendo um pouco mais... A gente vai chegando, né, nas coisas.

**Elisabete:** É, se você quiser, eu vou até abrir pra você ver que bonitinhos que eles são. E eu acho que... De tantas coisas que eu pude escolher, eu escolhi eles porque eu acho que tem muitas... Eu fiquei pensando porque eu escolhi eles, né?

**Gabriela:** Ahan! E por que você escolheu eles?

**Elisabete:** Então, porque... Eu tinha eles no meu quarto de criança, eu tinha um quarto assim... Eu fui uma pessoa que foi muito... Eu sei que eu fui amada, né, e isso faz toda a diferença na vida, sabe?

**Gabriela:** Faz. Sim.

**Elisabete:** Então, a minha mãe me deu e eu lembro que quando eu era criança, eu era bem pequenininha e minha falou “você não pode colocar na boca!” (risos).

**Gabriela:** (risos)

**Elisabete:** É uma das primeiras imagens que eu tenho, né, e uma das coisas que eu fico me questionando um pouco, porque eles são super delicados, né. E assim, a minha casa, quando eu era criança eu morava numa casa que ela foi derrubada, e ela foi reconstruída. E eu não sei

como, eles sobreviveram, sabe. Mas eu talvez, eu fico pensando que eles sobreviveram, porque tá vendo, eles são de ferro, eles são de chumbinho, né, e... Por que que eu escolhi eles. Porque eles tão, eles não só sobreviveram, como hoje eles tão no meu quarto, né, num lugar assim, super de destaque; na minha casa anterior, que era pequenininha e eu não me identificava com ela, mas eles estavam ali na frente dos meus livros. E hoje, eu tenho uma casa que dá pra eu ter os livros tipo, num escritório, e no quarto eu não preciso ter livros, eu optei por ter um movelzinho e eles estavam lá. Então quando a gente começou a conversar, eu falei “nossa, tem tanta coisa que eu poderia mostrar...”, principalmente essas caixinhas, essas cartinhas, mas eu falei, não, eu vou levar meus patinhos porque eu acho que eu acho que tem essa questão porque... Eles não tão assim super polidos, tá vendo, e eu gosto disso neles

**Gabriela:** Eu gosto também.

**Elisabete:** Porque eles sofreram alguma (risos)... O rabinho desse tá meio lascadinho, tá vendo? Mas primeiro, a minha mãe que me deu, né, eu acho que eu sou uma pessoa que eu, inclusive, por decisão minha, eu optei por não ter filhos, mas eu tenho uma questão de uma maternidade, que eu não sei se eu chamaria de maternidade, mas é essa coisa assim desse cuidado. Inclusive porque, quando alguém me magoa, dói muito. Então eu tento não ser uma pessoa... Eu não sou uma pessoa do embate, eu odeio falar não pras pessoas, eu odeio... Eu lembro de todas as vezes que ou alguém me deu uma bronca na vida, ou então que eu acho que eu magoei alguém. Eu sempre fico com aquilo na cabeça. E aqui, ó, tem então: tem a patinha mamãe, são três patinhos que devem ser os filhinhos dela, mas ela vai na frente, né, porque eles estão sempre *assim*, então às vezes eu coloco eles assim, às vezes eu coloco eles *assim*, mas eles, em geral, estão assim mais juntinhos, assim. Então eu acho que ela vai na frente, eu acho que ela me lembra de também... Que você pode ser mãe, que você pode ser delicada, mas ela não tá olhando pra baixo, ela tá olhando pra cima, né, ela é uma patinha, assim, que ela sabe onde ela tá indo! Né! E teve muitos momentos na minha vida, inclusive nessa tentativa de controlar a vida, é... Na verdade eu mais me perdi do que eu realmente sabia onde eu tava indo, sabe? Então eu acho que, às vezes, ela me lembra um pouco que eu tenho que confiar mais em mim, que você pode ser um pouquinho de ferro e continuar cuidando das pessoas, porque também, se você deixar... Se o desenhinho fosse *assim*, e eles não sabem pra onde eles tão indo, tipo aqui, a sensação que eu tenho é que eles vão cair! Então eu acho que às vezes essa questão, lembra que eu falei pra você, que eu era uma pessoa que se você colocar o seu pé em cima do meu, mesmo que estivesse doendo, eu não ia fazer “ai!”, eu ia fazer “hm, oi, tudo bem? Você pode tirar, assim, se não for te incomodar, o seu pé de cima do meu?” e hoje em dia eu até falo pra pessoa assim “vou tirar meu pé!”. Não que seja fácil, não que eu não vá ficar pensando, mas eu penso, né. E ao mesmo tempo, tem essa questão também, eu acho que hoje eu falo de maneira consciente e sem peso nenhum o quanto eu admiro a pessoa da minha mãe, sabe? Eu acho que ela abriu mão de tantas coisas pra cuidar de mim, da minha irmã, do meu pai, da família dela, é... Ela foi uma pessoa que ela não estudou, então, desde pequena ela falava pra mim “eu não tive a oportunidade de estudar, vocês têm que estudar, vocês têm que estudar”. Quando a gente é criança, ou quando a gente é adolescente, a gente é meio rebelde, né, a gente não escuta os mais velhos, né.

Então ela me deu, em alguns momentos estranhos da minha vida, eu não sei como eles sobreviveram à reforma da minha casa, mas eles sobreviveram e continuaram comigo, né. Ela guardou eles pra mim. Então, ela também me orientou como usar, ela é super... Ela é bem essa figura da patinha aqui, né, e... Mas eu também gosto dessa questão porque eles são um grupinho, tá vendo, né? Eles não são sozinhos. Não é ela e um só, é harmonioso quando a gente vê eles juntinhos assim.

**Gabriela:** E é um grupo dinâmico também, né.

**Elisabete:** E é um grupinho dinâmico, exatamente. Mas... Eu nunca, olha, eu nunca faria esse exercício sem o seu convite, então eu também te agradeço muito. Porque... De tantas coisas que eu tinha e tantas, é... Essa história de guardar, né, e eu fiquei pensando “nossa, mas eu vou pegar uma só?!” e aí, talvez eu tenha pego um dos objetos que é um dos mais antigos, mas ele continua funcional, entendeu? Ele não tá na caixinha. Esse daí foi um objeto que eu escolhi, que ele tivesse comigo no meu cotidiano, então todos os dias eu acordo e vejo eles. E não tinha parado pra pensar, assim, o quanto eles significavam pra mim, né. Então eu também te agradeço muito por essa proposta porque eu achei muito incrível, sabe? Que todas as pessoas pudessem... E também nessa questão assim, que todas as pessoas pudessem guardar coisas, né, porque eu também entendo que uma das coisas que me incomoda profundamente nesse momento é ver a população de rua, né. Então a minha irmã que é outra pessoa super importante pra mim na minha vida, ela se especializou, ela é advogada, então ela tá ali no núcleo duro, mas eu acho que inclusive por interferência dessa educação e dessa delicadeza que a minha mãe é com a gente, meu pai também, a minha irmã podia, sei lá, ter feito qualquer coisa, ela foi fazer direitos humanos, a especialidade dela é direitos humanos e ela trabalha com a população de rua. Talvez por conta disso também, eu... Eu que sou uma pessoa tão apegada com as coisas, eu fico imaginando, assim, o quanto uma pessoa em situação de rua ela perde... O quanto ela perde, né, Gabi? Ela perde a materialidade, ela perde a dignidade dela, de ter um lugar da sua autonomia, né, é... Mas tudo isso veio, assim, desde terça feira, entre um projeto PUB e outro (risos) eu fiquei pensando bastante neles, e aí também ontem quando eu fui colocar eu falei, “ai e agora!”, aí eu, imagina, eu tenho uma caixa de saquinhos porque cada coisinha tem o seu lugar, aí eu peguei esse saquinho e falei “ai eu vou levar nesse saquinho aqui”, mas também queria te agradecer, acho que tem muitas coisas aí que me remetem e sobretudo me reforçam essa questão que hoje o meu grande arquivo sou eu mesma, minhas lembranças, sabe? Eles me trazem todas essas coisas boas.

**Gabriela:** E transparecem, né... Eu fiquei pensando, quando você começou a falar do seu arquivo, você falou desse momento de escolha, né, do que ficar e o que... E aí me remeteu àquela coisa que a gente conversou um pouco né, *do que* guardar, né, tipo, como escolher, pessoalmente, como escolher entre os meus objetos o que talvez venha a ser o meu arquivo póstumo, né...

**Elisabete:** Exatamente. Exatamente...

**Gabriela:** Porque, obviamente, a gente não pensa nisso, né, mas é que como a gente tava nessa situação pensando, aqui no arquivo do IEB, que carrega esses arquivos ou que guarda arquivos que vêm pra cá depois da morte das pessoas, né, é... Como eles tem um sentido durante e depois da vida, né? E são totalmente diferentes, né?

**Elisabete:** Sim, totalmente diferentes. Eu acho também que uma das coisas que eu gosto, que eu escolhi trabalhar com os arquivos pessoas, não porque assim, também, cada empresa é uma empresa, cada instituição é uma instituição, mas eu acho que no caso do arquivo pessoal, ele não é um trabalho alienado, assim, no sentido do Marx mesmo, sabe? Porque eu sempre tenho que para e tenho que aprender uma nova vida. O Osman ele tá presente na minha vida porque ele foi meu professor de História da Arte de uma maneira póstuma. Que coisa incrível né?

**Gabriela:** Demais... E pela voz também, né... Isso que eu fiquei pensando, é muito especial, né.

**Elisabete:** É, é. E hoje quando eu vou organizar outros arquivos, né, eu acho que cada um tem sua história, né. Sabe, todos eles, eu tomo muito cuidado também de ter esse equilíbrio, né, e o que eu também tento fazer hoje, né, eu escolhi guardar esses patinhos de ferro até hoje comigo, hoje eles estão num lugar de destaque ali no meu cotidiano, mas é o âmbito do privado. Eu acho que um convite que eu me desafio a fazer, e às vezes nem é saudável, mas às vezes eu tenho a oportunidade de interferir nos patinhos do mundo que eu vou escolher pra vir aqui dentro do IEB. E isso é uma coisa que, nesse momento, me preocupa. Porque, realmente, né, tem essa dimensão de que voce... Os arquivos têm muito isso, né, têm essa questão que você vai achar uma verdade absoluta, uma coisa que ninguém nunca viu... E que aquilo vai mudar, né, a História, e daí você... Tem um cara que eu estudei, eu estudei pra prestar o meu concurso e depois eu tive que ler várias vezes ele e agora eu to lendo ele de novo e ele chama Jacques Le Goff, e ele tem um texto, ele tem um livro clássico chamado “História e Memória” e ele tem um texto chamado “Documento, Monumento” e eu preciso ser bem sincera com você que, a primeira vez que eu li, eu acho que eu não entendi a dimensão do que é um monumento, mas é um monumento simbólico, sabe? Então, porque é assim, né, quando você é o curador de um museu, desses espaços de memória, você é um bibliotecário de referência, nós que trabalhamos com arquivos pessoas aqui no IEB, quando você pega um indivíduo da sociedade e fala “vou por ele aqui na prateleirinha”, o que que você quer representar com aquilo? Porque, há... Inclusive, né, acho importante dizer isso, há pouco tempo atrás, eu trabalhei com duas pesquisadoras e elas eram nossas alunas de pós graduação, a Marina Mazze Cerchiaro e a Roberta Paredes Valim, elas eram alunas da professora Ana Paula Simioni, a professora Ana Paula Simioni trabalha com gênero, questões de gênero, que hoje em dia tá bem em evidência, mas eu acho que a minha geração deixou isso daí, essa questão – que não é um detalhe – passar em branco. Eu lembro do dia que elas... A gente tava no meio do processo de mudança, bem louco, tinha pedreiro, sabe, o inferno. Tudo que não poderia acontecer com um centro de memória tá acontecendo, né! É aquele tumulto. E aí eu lembro que elas entraram na sala e elas falaram assim, “Bete, a gente tá desenvolvendo uma pesquisa de mestrado”, e essa é uma outra dimensão do meu trabalho que eu gosto

porque eu aprendo com eles, que já não estão mais aqui nessas mensagens póstumas que eles deixaram pra mim, né, nesses registros, mas eu também aprendo muito com os pesquisadores. E aí a Marina e a Roberta perguntaram assim para mim “quantas mulheres tem depositadas aqui no arquivo?”. Era um dia que tava tão louco, que eu pensei “cacilda! Era o que me faltava, né! Por que que elas tão perguntando isso, cara?! E é um dado que eu nem tenho!” eu falei “eu vou ter que parar tudo o que eu tô fazendo pra contar”. Quando eu contei, eu fiquei com vergonha de ter pensado aquilo que eu falei, sabe? Porque realmente tinham mais homens do que mulheres. Eu acho que hoje tá mais em evidência, mas eu também tenho me preocupado um pouco, sabe, sabe essas coisa de modinha? Eu acho que tudo tem moda e às vezes as pesquisas também tem moda, então hoje gênero tá na moda. A gente tem um cara que chama Andreas Huyssen que tem um livro que eu amo que chama “Seduzidos pelo passado”<sup>1</sup>, acho que é bem essa palavra, e ele fala que a memória tá na moda, né, então realmente a gente percebe que tem uma questão, mas... Eu falo delas, né, porque realmente foi quando elas me alertaram que poderia ter uma voz predominante que não é a voz, inclusive, da população, porque tem no Brasil, em determinado momento, tem e teve mais mulheres do que homens, e elas tão menos arquivadas do que os homens. Não sei também até que ponto a gente não manipula a história e fala “não, não não, agora nós vamos guardar todas as mulheres”, né. Como é que a gente registra esses silêncios, né? Mas essa é uma das coisas que nesse momento, inclusive, ela me desafia como técnica pra eu pensar em maneiras de como eu guardar o maior número de itens, porque, no espaço do privado, tem uma consequência pra mim, a escolha que eu faço, quando eu sou uma funcionária pública, a decisão de guardar ou não determinadas pessoas muda todo o contexto histórico, né. Então eu acho que assim, no espaço do privado, e eu sempre brinco isso quando eu vou dar aula, principalmente pra essas consultorias que eu dou. A foto ela tem assim, eu só pego foto rasgada quando teve uma briga, uma separação; cartas a gente sabe também que cartas são queimadas quando tem uma separação, então tem quase um efeito catártico, né. Mas, poxa vida, né, nesse momento, assim, nesse contexto histórico... O que que a gente deveria estar guardando? Né, o que que a gente deveria estar guardando, né? E, ontem, por exemplo, eu tava pensando, uma personagem histórica da contemporaneidade – tem vários que eu gosto –, o Emicida é um intelectual da contemporaneidade que ele chama a minha atenção. Quando ele tá em algum lugar, eu paro. Eu não sei se foi a pandemia, mas aquele negócio que ele fez lá do Amarelo, desde a música até o documentário, eu acho aquilo de uma potência, eu acho que aquilo é de um negócio tão refinado, né. Ele é uma pessoa que eu, se eu tivesse a oportunidade... Eu não tenho a autonomia de dizer: “dá pro IEB” porque inclusive eu não sei até quando eu vou estar aqui, né. E as políticas do IEB, eu acho que a gente também precisa saber o tempo de amadurecimento das instituições onde a gente tá. O IEB ele tem uma política passiva, ou seja, as pessoas se oferecem pra entregar, O IEB não vai atrás, né. Eu acho que isso daí tem um lado bom e um lado ruim, como tudo, mas assim, eu acho que o Emicida é um cara da contemporaneidade que se a gente vivesse em um país mais justo e que, realmente... Também tem uns dilemas que eu não sei se são adequados, mas eu vou dizer, Gabi. Às vezes eu fico pensando, cara, será que tá certo eu concorrer com um projeto FAPESP ou qualquer intuição de fomento, vai, será que tá certo eu concorrer com o cara

---

<sup>1</sup> Seduzidos pela Memória



que tá trabalhando com políticas de inclusão de população em situação de rua? Então, por exemplo, agora a gente recebeu recentemente o arquivo do Paul Singer, menina, a minha pandemia foi melhor, o Emicida me ajudou na pandemia, quando começou as coisas a melhorarem e a gente tinha uma escala pra vir trabalhar, com toda a segurança, você viu, né, é tipo um *bunker* aqui, né. Poxa vida, eu vim aqui e eu tava trabalhando com dois, vários fundos, mas dois em especial, que era o do Paul Singer e o do Celso Furtado. O Paul Singer era um cara que eu conhecia, que tinha falado sobre economia solidária, mas quando você começa a ler a documentação e você ve ele, a documentação vai refletindo a ideia. Ele me salvou em muitos momentos da pandemia porque eu fala, meu, é incrível o que que ele pensou, o que que ele fez e, enfim, né. Então, mas, você fica entendendo o que que são as incubadoras sociais, como é que funciona a moeda social, umas coisas que eu que sou da Letras, cara...

**Gabriela:** Nunca apareceu no percurso, né.

**Elisabete:** Não, não, né. Não que a Letras também seja um processo alienante, mas é... É um outro tipo de formação, né. Então, aí voltando, né, eu falo cara, às vezes eu fico pensando: tem uma caixa dessas. Uma caixa dessas custa de 250 a 500 reais. Eu amo a história e eu amo guardar a história, mas sobretudo, nesse momento da minha reflexão intelectual, eu amo mais as pessoas que fazem a história. Será que tá certo eu fazer, eu usar todos os meus esforços e todo meu arcabouço teórico, e que eu consigo, pra conseguir dinheiro pra comprar uma caixa enquanto tem gente que passa frio, tem criança que passa fome, tem pai de família desempregado. Às vezes eu fico pensando um pouco nisso, sabe? Isso daí ainda me pega. Eu converso bastante com a Dina sobre isso e a gente sempre pensa que, na verdade, o que a gente tem que fazer é fazer o melhor que a gente pode nas condições que a gente tem, no lugar onde a gente tá. E eu amo o que eu faço, eu adoro o que eu faço, eu vivo o que eu faço, é visceral o que eu faço. Mas talvez eu gostaria de conversar com o Emicida pra falar pra ele: “guarde o seu arquivo porque inclusive o que você faz nesse momento com a música e com o empreendedorismo social que você faz é de uma potência que, por mais que o meu trabalho seja bonito e importante, o seu é fundamental”. Então, sei lá. O Emicida, o Mano Brown, a Sueli Carneiro. A Sueli Carneiro é uma pessoa que eu tenho, entre uma coisa e outra que a gente faz, eu tenho tentado ler, e eu acabei conhecendo ela agora no doutorado por causa do conceito de epistemicídio e tem me fascinado, né, eu espero que eu tenha uma resposta prática, mas eu tenho pensado nesse silenciamento, nesse anulamento. No caso do IEB, né, entre os intelectuais negros que a gente tem tem o Milton Santos, mas cara, e outros, né? Por que que eles não tavam aqui, por que que eles não tão aqui? Por que que também a gente não desafia um pouco as estruturas e vai atrás dessas pessoas? Mas ao mesmo tempo, será que também eu não tô construindo esse monumento que, né, a gente também não quer que construa um monumento, a gente quer que tenha uma práxis alí, né. Não sei, eu to... Eu ando bem encafifada, com isso, sabe? Por isso que eu sempre falo que as instituições de memória são sempre instituições de poder.

**Gabriela:** São. Exato.

**Elisabete:** Acho que na verdade tudo é, né.

**Gabriela:** É, mas eu acho que é aquilo que a gente falou um pouco também, né, “quem são os brasileiros do Instituto de Estudos Brasileiros”, né. É... E porque, eu acho que a gente vive esse conflito – eu tenho essa paixão por museus, você também né, e é uma instituição fundamentalmente colonial e tem todo esse sentido, mas ao mesmo tempo foi o lugar em que eu conheci coisas que eu nunca teria conhecido na vida, né, é sobre uma multiplicidade de coisas que a gente não cruza na rua, né. E é isso também, os documentos, é isso... Tenho até uma pergunta que talvez seja boba, em termos logísticos, que eu me pergunto que é: se não... Porque é evidente pra mim, Emicida, Mano Brown, Sueli Carneiro, essas pessoas que você mostrou elas entram na categoria de pessoas notórias da nossa sociedade, né.

**Elisabete:** Isso.

**Gabriela:** Mas, faria sentido ter dentro dos acervo as “pessoas comuns” também? Sabe, os arquivos das pessoas comuns, né, entre aspas.

**Elisabete:** É, você tá pensando alto ou você quer dialogar comigo?

**Gabriela:** Meio pensando alto, mas quero dialogar também! Porque... Tipo, eu digo que em termos logísticos eu entendo que... Porque seria uma coisa que o Manguel fala nesse texto que eu tava lendo que às vezes a gente quer construir um mapa à escala 1:1 do mundo né, então vamos guardar o arquivo todo de tudo e aí a coisa deixa de, perde o seu sentido, né. Mas... Pensando nisso que talvez uma pessoa comum de 2022 não seja uma pessoa comum em 2042 ou então em 2300, se é que vai chegar lá, né, mas um pouco como... É isso, eu acho que também tem a ver com essa coisa da História Oral, né, todas essas tentativas de guardar as histórias, né.

**Elisabete:** Eu já ouvi bastante que a história das pessoas comuns elas estão nos arquivos públicos, então no Arquivo do Estado...

**Gabriela:** Tá.

**Elisabete:** Mas eu ainda acho que existe uma... Eu ainda acho que a gente precisa avançar. Eu acho também que a gente não pode se acomodar. É um nó? É um nó. E, claro, né, uma coisa que a gente tá tentando fazer aqui, que é uma coisa que me... Que dirime a minha ansiedade de pensar nisso, por exemplo, é... Tá, a gente tem o arquivo dos notórios, então, mas ele não precisa ser só o arquivo daquela pessoa. Então, junto com outras pessoas, eu tenho pensado um pouco, inclusive eu conheci outros intelectuais, se eu não me engano tem uma autora chamada, ela chama Rupi Olsen, que ela, o resumo um pouco da pesquisa dela é a importância de você dar nome para as pessoas. Então, agora, então, voltando a estudar, num programa de Ciência da Informação, eu tive aulas incríveis assim, sobre estratégia política que eu falei, cara, eu acho que se eu tivesse feito na política talvez eu não tivesse tido esse contato, né, como eu to tendo essa oportunidade. E essa intelectual que ela é norte-americana,

se eu não me engano, ela fala sobre a importância de você identificar as pessoas, né, então eu falei, bom, não dá pra gente ter todas as pessoas, mas eu acho que é muito importante então a gente democratizar um pouco. Por exemplo, nós fizemos um trabalho que é, antigamente, as cartas, na tradição da organização de arquivos pessoais, as cartas elas tavam num agrupamento conjunto, né, tipo um coletivo da escola, então quando a gente dividia o coletivo, qual é o coletivo de carta? Era correspondência, então tinha um grupo chamado correspondência, né, onde você mete as cartas lá e as cartas, tradicionalmente, elas eram organizadas em cartas ativas e cartas passivas. A carta ativa é a que a pessoa escreve, e de alguma maneira eu acho que ficou alguma carta com ela e ela não mandou, porque quando ela manda a carta, a carta vai. E tem a carta passiva, que é a que você recebe. E essa palavra passiva começou a me irritar profundamente nessa altura do campeonato da vida, eu falei, “cara, não tem nada de passivo dentro dos arquivos! É uma disputa, né” eu falei, assim, inclusive, então pra todo esse povo que ficou pacificado aí, né, eu vou fazer o seguinte, nós vamos... Então tem os agrupamentos, então ao invés de ter a carta ativa e passiva, eu vou colocar nas subdivisões dos grupos, os nomes dos correspondentes. Porque pelo menos o nome da pessoa vai tar lá. Sabe? E aí, né, uma coisa que era uma coisa simples separada em dois, vira trezentas e setenta e duas subdivisões. Mas aquilo me deu uma paz de espírito, sabe? Porque é como se eu fizesse justiça pra aquela pessoa que tava numa massa amorfa e agora... Não interessa se ela trocou com o Caio Prado, com o Mário de Andrade, com o Graciliano Ramos. Não adianta, não interessa... Porque assim, como tem gente que trocou muita carta, eu acho que assim, o Mário ele tem agrupamentos que ele troca carta com as pessoas que são mais de trinta, quarenta, cinquenta cartas com a mesma pessoa, e tem uma pessoa que escreveu uma vez pra ele, e o agrupamento é igual. Então tem um agrupamento aqui do fulano (onomatopeia) e do, sei lá, Carlos Drummond de Andrade. Tá aqui ó, os dois tão no mesmo nível. Agora, né, na memória, a memória vai ser democratizada pelo menos nesse nível. Não interessa se foi uma carta. Então eu comecei a pensar então, inclusive nessas questões de como você... Já que é um caleidoscópio, né, como é que eu vou mudar essa lente do caleidoscópio pro pesquisador começar a ver... O Mário é incrível? Sem dúvida. Eu sou viuvinha de todos eles. E eu organizo. Mas eles também tinham uma rede de relações que fizeram eles alçarem pra esse lugar, né. E nessa disputa dos territórios da memória, tem um outro cara que eu também gosto bastante, tem um filme que é mais sobre a filosofia da memória que chama “Nós que aqui estamos, por vós esperamos”, não sei se você já viu?

**Gabriela:** Não.

**Elisabete:** Você que gosta de memória, depois eu posso mandar umas coisas pra você, que são uns textos, uns videozinhos filosóficos que, inclusive, tão no YouTube, sabe? Mas o, esse “Nós que aqui estamos, por vós esperamos” ele cita várias coisas, e uma das citações que ele faz é de um artista chamado, eu não sei se o nome dele é assim, mas eu chamo ele de Christian Boltanski, ele inclusive é cineasta.

**Gabriela:** Ele é demais. Conheço o trabalho dele.

**Elisabete:** E aí, eu gosto porque ele trabalha bastante com essa questão da memória do Holocausto, né, e ele faz as obras onde ele coloca o nome, então, uma das obras que tem fácil pra gente achar, acho que tem na Wikipedia também, a obra se chama o hotel<sup>2</sup> (balbucio) o nome lá que tá em alemão ou não sei em que língua que tá, mas aí tem o nome das pessoas e a função, porque quando teve o bombardeio, essas pessoas foram mortas ali, né, então ele colocou e então cada plaquinha tem o relojero, tem o atendente do portão, tem o, sei lá, o militar de guerra, parãã, parãã, ele faz um levantamento e coloca plaquinhas. Mas eu gosto dessa proposta dele, e eu acho que foi ela que foi fazendo eu pensar, porque assim, quando você vê também... O ruim é que a massa ela te oprime, né, então é meio esse negócio do 1 por 1, então vamos fazer um memorial do Holocausto aqui, nós vamos colocar o nome de todo mundo aqui. Quando você vê o nome das pessoas você fala, bom, o seu cérebro ele quer te proteger, então ele fala “lista de palavras”. No caso do Christian, eu gosto dessa obra porque quando ele fala assim que aquela era a porteira da propriedade, a atendente ali da propriedade, é um pouco aquilo que eu fiz com você do Osman. Você começa a ver, por mais que você não queira, você começa a ver uma pessoa que ela tá se movendo, abrindo um portão, eu imagino ela com uma roupa assim, tipo com um avental, sabe? Eu já começo a criar uma historinha na cabeça. E você pensa e a bomba vindo e matando essa pessoa. É totalmente diferente de um nome na parede, né. Eu tenho pensado um pouco nessas questões porque eu acho que assim, não adianta a gente, principalmente nós, nossa sociedade, a criar tantos monumentos e... Um dos caras que eu organizo aqui, que é o Milton Santos – meu trabalho é muito legal, né, tem hora que eu perco a paciência, mas eu não deveria perder nunca a paciência! – o Milton Santos ele tem um conceito que ele chama de os “fluxos” e os “fixos”, eu acho um conceito super elaborado, mas é assim, né, você percebe as coisas, você vê aquilo que tá no seu caminho, né. Então, como eu falei pra você, né, como tem essa questão pra mim, tipo, que o morador de rua, tem tanto morador de rua hoje em dia que é como se eles ficassem os “fixos”, nós somos os “fluxos”, ele tá ali na paisagem, né. Cara, é um ser humano, sabe? Só de eu pensar que eu tenho vontade de fazer xixi e ele tá morando na rua e ele não tem. Sabe esse exercício? Mas eu também entendo que, assim, é uma massificação tão grande, né... O sistema capitalista, tudo, né. Ele vai animalizando a gente. Mas eu gosto bastante de pensar nesses “fluxos” e “fixos”. Então, às vezes talvez não seja muito técnico o que eu to fazendo, mas eu quero sacudir um pouco esse negócio do “fluxo” e o “fixo” pra quando o pesquisador vier, e ver o catálogo que eu fiz, o mapa do acervo que eu fiz, só de ele ver assim, nossa, todos esses correspondentes, onde ele cruzar o olho assim – não é mais aquele negócio de ativo e passivo, eu quero, eu vou olhar, eu vou ter que ler o catálogo. Eu acho que eu já venci, eu já democratizar um pouco melhor esse espaço da memória, sabe?

**Gabriela:** É, eu acho que sim. Até por isso, né, porque antes todos caíam sob a chave desse nome maior, agora eles *são* a pessoa que respondeu a carta também, né. Eles não são só uma resposta.

---

<sup>2</sup> Les habitants de l'hôtel de Saint-Aignan

([https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Les\\_habitants\\_de\\_l%27h%C3%B4tel\\_de\\_Saint-Aignan\\_en\\_1939\\_\(d%C3%A9tail\),\\_Christian\\_Boltanski\\_-\\_Mus%C3%A9e\\_d%27art\\_et\\_d%27histoire\\_du\\_Juda%C3%AFsme\\_-\\_Boltanski.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Les_habitants_de_l%27h%C3%B4tel_de_Saint-Aignan_en_1939_(d%C3%A9tail),_Christian_Boltanski_-_Mus%C3%A9e_d%27art_et_d%27histoire_du_Juda%C3%AFsme_-_Boltanski.jpg))

**Elisabete:** Exatamente, eles se tornam agentes.

**Gabriela:** Legal. Muito bem... Algo mais, você acha?

**Elisabete:** Não, eu só tô preocupada porque você tem o... Eu poderia te mostrar várias coisas...

**Gabriela:** Mas não sei se a gente vai ter o tempo necessário, também, né, talvez. Não sei se tem alguma coisa específica que você acha que valha. Mas pode ser pra uma outra vez também!

**Elisabete:** É, então! Eu também acho que eu tenho que agradecer você porque eu acho que eu cheguei num equilíbrio bom, que talvez em um outro momento eu nem teria sentado aqui, eu já teria aberto as caixas e começado a falar sobre a práxis do meu fazer, da minha reflexão. Não teria essa parte que eu contei um pouco dessa história, que foi super simplificada, mas contei. Então... Eu acho que, não sei, né, eu queria te agradecer porque pra mim foi uma experiência incrível.

**Gabriela:** Nossa, igualmente.

**Elisabete:** Eu acho que se eu fizesse mais isso eu, inclusive, teria mais respostas, mas eu sou uma pessoa que fico sempre me cutucando pra ter respostas. Então, eu acho que, como também é um trabalho e você com certeza vai ter uma jornada linda pela frente, se você quiser voltar em outro momento pra gente fazer, eu acho que vai ser ótimo, inclusive se você faz em grupo, se você quiser vir outro dia pra gente mexer nos documentos, pra você ver a materialidade dos Osman. Eu não falei, mas eu trabalhei muito tempo também com a Anita, Malfatti, né, mas eu falo Anita, Anita, Anita, né. Eu acho que tem coisas muito... Eu também fiz um belo... Foi bom fazer o exercício de que o que que eu mostro pras pessoas quando elas vêm e o que que eu mostraria pra você que tem relação comigo, por essa minha práxis. Então foi um exercício super legal. Mas eu também entendo que os bons encontros são aqueles que deixam aquele gostinho de “quero ver mais”, então se você quiser a gente pode marcar uma outra vez, inclusive pra você também, porque eu ia convidar você pra você colocar as luvinhas, pra sua proteção, não pra proteção dos documentos, pra você manusear um pouco os documentos que tem aqui, o que que você acha que... A gente poderia fazer esse exercício, né. Eu separei aqui esses documentos pra você, o que que você acha que esses documentos representam as pessoas e como, inclusive, elas tão no seu imaginário, e elas tão no imaginário diferente comigo, né. Eu, por mais que eu tenha muito respeito por eles, mas eu tenho até uma intimidade ruim com eles! Né! Eles tão no meu cotidiano, eu sei até... Eles sabem os meus vícios e eu sei os vícios deles!

**Gabriela:** E talvez você conheça coisas que só eles conheceram também por ser esse âmbito às vezes dessa intimidade, esses papéis, né.

**Elisabete:** Exatamente!

**Gabriela:** Coisas que não são as coisas pra serem mostradas na figura pública que eles tiveram em vida, né!

**Elisabete:** Sim, sim! Isso também é um dilema, sabe? Até que ponto também eu sou uma guardiã da memória ou eu sou uma censora, né?

**Gabriela:** Ah, sim.

**Elisabete:** Eu acho que também tem isso, né, as pessoas falam muito dessas questões dos dilemas, né, daqueles pessoais, mas isso é... Acho que é um dilema pra vida mesmo. Eu sempre converso com os meus amigos jornalistas falando, né, “até que ponto você vai, né?” porque, né. Tem um limite também, né?! Então pra você (inaudível) a vida de uma pessoa, uma memória, né, e também, né, essa questão de você pinçar... A pessoa tem um erro aqui, cometeu um deslize, você leu um... Aí você pinça, a pessoa tem uma carreira incrível, aí ela errou uma vez...

**Gabriela:** Ainda mais atualmente, né... Que isso tem sido muito feito, né?

**Elisabete:** É... Sabia que isso me assusta um pouco?

**Gabriela:** Eu também. Eu acho que tem essa coisa de uma certa fixidez de uma...

**Elisabete:** É... Às vezes eu vejo que tem muito... Às vezes tem o pesquisador que chega aqui com aquela ânsia de, ele fala assim, “eu vou colocar por terra aquela ideia de tal pessoa” e eu falo “não, amor... O caminho não é esse”. Tudo bem não precisa... Eu acho assim... É o fio da navalha, né, Gabi.

**Gabriela:** É o fio da navalha, é, exatamente.

**Elisabete:** Sabe, eu acho que a gente tem que tomar muito cuidado também porque esse negócio de deixar as coisas passarem... Eu não sei até que ponto vale a pena, mas eu tenho um pouco, principalmente de cuidado com eles... Não que eu tenha algum poder, mas eles ficarem... Eles não tão aqui pra se defender, entendeu? Mas eu também não sou uma censora, né. Então... E também, sinceramente, nunca peguei nada muito cabeludo, sabe? Nunca peguei uma coisa assim.

**Gabriela:** É porque a vida não é cabeluda, eu acho também!

**Elisabete:** Na verdade a vida é bem monótona.

**Gabriela:** É... Eu acho que... Eu, durante a nossa conversa, eu me lembrei de uma anedota que eu não sei pra quem, mas uma vez perguntaram pra alguém da NASA, eu acho, porque que eles tinham enviado o Disco de Ouro – sabe aquele disco de ouro? – pro universo?

**Elisabete:** Ah... Hm?

**Gabriela:** Que contém informações sobre a nossa... E o cara perguntou, “mas vocês estão esperando alguma resposta?” e aí a resposta da pessoa eu achei que foi muito boa, é que eles pensavam a relação desse disco de ouro um pouco como os escritos de Sócrates, que é uma coisa que ele enviou, a gente recebe, mas a gente não tem resposta pra ele. Porque a gente vai ler, a gente vai ter uma relação com aquele objeto, mas o Sócrates nunca vai ouvir essa resposta, né.

**Elisabete:** É verdade.

**Gabriela:** E eu acho que os documentos têm uma dimensão disso também.

**Elisabete:** É, é... Nossa, é uma anedota incrível, muito boa.

**Gabriela:** Não, é? Ela apareceu algumas vezes durante a conversa e eu pensei “será que eu falo” aí... (risos)

**Elisabete:** Eu tenho uma professora que outro dia eu fiquei até emocionada. Na aula ela falou assim, “a Bete é minha colega de trabalho”, daí ela falou assim, “mas ela também é minha amiga!” e eu achei tão bonito aquilo! Então, ela... Ela trabalha aqui comigo e ela chama Inês Gouvea, ela é uma pessoa incrível, ela é dessas pessoas assim que, né, a gente tem a sorte de encontrar na vida, né, e às vezes eu fico... Eu fico também querendo provar que a minha tese tem um rigor científico, e às vezes ela fala assim, “Bete, a boa tese é aquela que tem mais perguntas e você não precisa ter todas as respostas. Só de você fazer a pergunta já é tão bom!. E é, é verdade...

**Gabriela:** A gente é meio rigoroso às vezes conosco, né? Acha que tem uma...

**Elisabete:** É, é... Eu acho que tem... A gente tem que tomar um pouco de cuidado porque tem de novo aquela questão da mágica, por mais que a gente seja cientista, tem uma zona nebulosa aí... Quando eu conto minha história eu falo, tem encontros e desencontros que são chaves, assim, pra um estopim e aquilo vai mudando, né, aquilo é muito... É muito bom, né, que também exista esse espaço do acaso, do “não sei”, do “talvez”...

**Gabriela:** Nossa, com certeza.

**Elisabete:** Na aula da Sumaya, a gente... Eu conheci um artista plástico que chama Daniel Senise, e ele define, ele trabalha com cadernos de artista, né, e eu acho que ele tem a melhor

definição – e olha que eu sou a pessoa da definição, eu tenho milhões de dicionários – mas ele fala que o caderno é o espaço do talvez.

**Gabriela:** Ótimo

**Elisabete:** E eu trabalhando com a vida, dos outros inclusive, com a minha, mas dos outros sobretudo, eu acho que feliz aquele que faz da vida o espaço do talvez. Sabe? E eu falo isso pra mim mesma! Porque eu tinha o plano e... Ele mudou e eu vejo, né, claro que a gente tem que planejar as coisas, mas eu acho também que a mágica, né, a verdadeira vida tá ali no talvez que é quando você fala... Talvez hoje eu vá fazer esse caminho aqui.

**Gabriela:** E também o “vamo ver no que vai dar?” né, tipo, “acho que aí tem alguma coisa!”.

**Elisabete:** É, exatamente.

**Gabriela:** Acho que é isso, Bete! Agradeço assim... Imensamente!

**Elisabete:** Obrigada...!

**Gabriela:** Desde a primeira resposta do seu e-mail (risos) eu fique tipo “ai que bom!”, sabe, já senti que ia ser uma coisa boa! Que ia bater.

**Elisabete:** (risos) E é difícil, né! Eu admiro muito você. Eu nunca enfrentei essa questão da História Oral... E eu já fui convidada pra dar outros depoimentos: não... Mas como você era aluna (risos), eu falei é, se eu falar não, pra ela achar um sim vai ser um pouco difícil (risos). Não sei se a minha história vale, mas nem que ela tenha que falar “não, não vale de nada” (risos), “uns pensamentos equivocados ali, não rolou”, mas pelo menos, né, vamos deixar pelo menos o espaço do talvez, né.

**Gabriela:** Mas foi muito bom porque, é isso também, eu passei desde aquele primeiro e-mail mobilizando muitas ideias em mim também, né, e pensando em muitas questões que... Só essa oportunidade propiciou. Obrigada.

**Elisabete:** Ai, obrigada, Gabi... Obrigada.